SILÊNCIO ALTO

Augusto La Fere

Ars Verbi

SILÊNCIO ALTO

AUGUSTO LA FERE

SILÊNCIO ALTO

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

SÉRIE SILÊNCIO ALTO
Volume 1: Silêncio Alto
Volume 2: Silêncio Alto: Ecos
Volume 3: Silêncio Alto: Carne

CODEX E SISTEMAS
Silêncio Alto: Cidadela

EXPEDIENTE

Silêncio Alto
© 2025 Augusto La Fere
ISNI 0000 0005 3055 2890
Publicado por Ars Verbi™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital
ISBN: 978-65-01-55513-3

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição — Não Comercial — Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença se aplica ao compartilhamento pela comunidade leitora. O autor mantém os direitos para a exploração comercial desta edição. Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:
— Atribua o crédito ao autor;
— Não a utilize para fins comerciais;
— Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/
https://arsverbi.com.br

Antes da Ficha

Escrevo isso agora
porque sei o que veio depois.
Ainda não tinham me chamado.
Mas eu já sabia.

Não pelo aviso.
Nem pela carta.
Nem pelo murmúrio que corre
quando um nome está prestes a mudar de lugar.

Soube pelo corpo.
Pelo modo como a manhã chegou sem intenção.
Pelo café que esfriava na mesa
antes que a mão decidisse segurá-lo.
Pela camisa branca na cadeira,
dobrada como se fosse voltar logo ao corpo.

Havia uma espera,
não a que se escolhe,
mas a que se instala
sem pedir lugar.

Eu caminhava pouco.
Dormia menos.
Guardava papéis que não lembrava ter preenchido.
Abri a gaveta certa sem saber por quê.
Retirei documentos que não recordava ter preparado.

Tudo estava ali.
Em ordem.
Como se alguém, antes de mim,
já tivesse organizado minha chegada.

Não havia ameaça.
Nem promessa.
Apenas uma linha reta
que começava a se formar dentro do peito,
substituindo perguntas por um silêncio mais espesso.

Às vezes lembrava da casa.
Da xícara deixada pela metade.
Do cheiro de sabão.
Dos passos no corredor.
De uma porta fechando sem força.
Mas já não sabia se era lembrança

ou se era apenas resíduo de algo
que um dia me pertenceu.

O mundo não me prendia mais.
Não por desamor.
Mas por esvaziamento.

Eu falava pouco.
Respondia com frases curtas.
E a cada dia, uma palavra a menos parecia
necessária.

Quando a ficha veio,
não houve surpresa.
Nem medo.

Assinaram.
Conferiram.
Dobrei o papel.
Segurei a pasta com as duas mãos.

Poderia ter dito alguma coisa.
Havia palavras formadas,
quase prontas.

Mas a boca ficou fechada.

Peguei os documentos.
Não precisei reler nada.

A porta estava aberta.
O corredor, limpo.
O som, exato.

E, enquanto caminhava, compreendi,
ainda sem entender,
que dali em diante
tudo que não fosse função
deixaria de ter lugar.

Dali em diante,
ele.

Capítulo I
A Tranca Aberta

Veio do alto.
Não do céu,
de uma torre sem voz,
onde o tempo se curva em medida.
Protocolo de ingresso: noventa e seis dias.

Trazia a palma vazia,
e nela o risco puro,
a linha sem carga,
o gesto anterior à escolha.

Desceu.
Porque ouviu.
Ou pensou que ouviu.
Ou queria ouvir.

Chamaram-no sem nome.
E ele respondeu.
Com tudo.

Com o que não se pesa.

Com o que não se mede.
Com aquilo que não se vende
e por isso é esquecido.

A entrada era limpa.
Demasiado limpa.
Como se antes dele,
ninguém.

Deram-lhe um passo,
um traço no chão,
um fôlego mais curto,
e antes do comando,
ele viu.

Era tudo ordem.
Às árvores, o tronco correto.
Às avenidas, a curva exata.
Às paredes, o branco constante.
Às mãos, o mesmo gesto.
Ao ar, o cheiro do comando.

E o mundo parecia caber
dentro de um quadrado
de sombra e clarão.
Havia regra no silêncio.
Havia ritmo no abrir da porta.

Havia beleza
de mármore e vigilância.

E então disseram:
— Segue.

Não havia rito.
Havia trilha.
Mas sem rumo.
E ao lado,
pedras que falavam
com dentes.

O dia crescia sem pressa,
e com ele o peso.

Das seis primeiras horas,
saíam os passos,
o calor sem fôlego,
o nome sem dono.

As doze seguintes,
limavam o osso.
Cada gesto, um reflexo sem alma.
Cada ordem, um som que empurrava.

Ao fim da terceira semana,

não sabia mais onde estava a caneta que
trouxera.
Havia uma nova no bolso.
Não lembrava de ter recebido.

E o corpo,
por dentro,
começava a se ausentar.

À noite,
não veio o escuro.
Veio a luz imprecisa,
o grito contido,
o tremor.

Dormir foi permitido
por esquecimento.
Quarenta e cinco minutos:
a medida do esquecimento.

E antes que o sonho fechasse a pálpebra,
o mesmo som de antes:
em pé,
em fila,
em marcha,
em rastro.

O tempo era uma corda,
esticada até partir.

O sono, negado.
O alimento,
lento como o eco.
O corpo,
dobrado por dentro,
comia a si.

Não foi um dia só.
Foi o mesmo dia,
de novo.

Sem curva.
Sem pausa.
Sem fenda no tempo.

Tudo voltava
como quem pune.
O passo era o mesmo.
O chão, o mesmo.
O comando,
a mesma sílaba sem sentido.

Ao terceiro retorno,
já não havia espanto.

A dor se calava antes de nascer.
E o corpo,
sem querer,
aprendeu a responder
antes do golpe.

O nome, esquecido.
O gosto, dissolvido.
O ritmo, imposto
como febre.

Não se tratava de vencer.
Tratava-se de apagar.

Falavam, entre sombras,
em fazer do homem
uma torre.
Que não pensa.
Que não cai.
Que não sente.
Que não sonha.

Falavam da prova do tempo,
da prova do frio,
da prova da perda,
como se tudo fosse metal
e o homem,

uma peça.

E ele,
sem saber o quanto cedia,
já dobrava sem ranger.

Não havia mais manhã.
Só reinício.
Não havia mais noite.
Só trégua breve.
Não havia mais voz.
Só resposta.

A repetição era o fogo.
Mas o fogo não queimava.
Alisava.

E cada gesto repetido
lixava um nome antigo.
E cada comando
apagava um rosto.

Até que, um dia,
não soube mais
de onde viera.
Nem por quê.

Não ficaram todos.
Nem inteiros,
nem no mesmo lugar.

Houve os que cederam
com um só grito.
Houve os que caíram
sem barulho.
Houve os que foram
levados
sem nomear porquê.

Um desceu e não voltou.
Outro perdeu a resposta no treino.
Um terceiro
ficou vazio por dentro
até o esquecimento.

E havia os que andavam tortos,
com o corpo mais curto,
com o passo sem rumo,
como se o que haviam sido
não coubesse mais neles.

Nenhum foi lembrado.
Nenhum foi dito.

A ausência era contada
como falha.
A dor,
como fraqueza.
O silêncio,
como culpa.

E seguir
era não olhar para o lado.
Era não perguntar.

Porque perguntar
era sair também.

Ele via.
Mas seguia.
Não por cegueira,
por tranca.

Pois já não sabia
como era
não seguir.

Mas então,
quando o corpo já andava
sem comando,
quando a mão já assinava

sem pensar,
quando o eco
já ecoava antes da ordem,
disseram:
— Não finda em três.
— Serão seis.
— Três de formar.
— Três de provar.
— Quem serve, serve o tempo inteiro.
— Quem não, retorna quebrado.

Foi ali
que o relógio calou.
Não por ruído,
mas por excesso.

O tempo,
esticado além do corpo,
fez-se muro.

O que antes era estrada,
virou poço.
Ele não disse nada.
Mas dentro,
um vidro trincou.
Não se quebrou.
Só trincou.

Senti.
O corpo parou um segundo.
Como quem tropeça sem cair.

Mas a trinca seguia viva,
crescia como raiz no cimento,
como risco no metal.

Não era revolta.
Era recusa que ainda não nascera.
Era nome que ainda não sabia ser dito.
Era semente do que viria
com a palavra
interdita.

E ali terminou o começo.
Porque já não havia começo.
A pedra era casa.
A dor era ofício.
O gesto era máscara.
Mas a trinca,
essa não dormia.

Ficou-lhe um eco.
Não um som,
um vão.

A porta que tranca
depois do passo.

E ele,
sem saber,
já era parte.

Capítulo II
O Primeiro Espelho

Havia um rosto
não seu, mas igual.

Um que chegava depois
e já marchava com seus pés,
já curvava como ele,
já esperava a mesma dor
no mesmo músculo.

Era outro,
mas era cópia,
e nele ele se viu.

Primeiro, achou que era reflexo.
Mas o reflexo não chega depois,
não pergunta,
não sangra.

Aquele sangrava igual.
E isso era o mais estranho:
sangrava como ele sangrou,

no mesmo lugar,
pelo mesmo gesto.

Na manhã seguinte,
viu o outro mais perto.

Estavam na mesma fileira.
A pedra ainda guardava o frio da noite,
e o chão tinha uma marca escura
onde muitos pés haviam parado.

O outro trazia a manga dobrada
no mesmo ponto,
a pele aberta
no mesmo canto.

Não era ferida grande.
Era sinal pequeno,
quase administrativo,
mas repetido com precisão.

Quando deram a água,
o outro segurou o copo
com a mesma cautela.
Bebeu sem levantar os olhos,
depois passou a língua
sobre o corte da boca,

como ele havia feito na véspera.

Não havia intimidade.
Havia reprodução.

O outro errou o intervalo do passo,
quase nada,
um meio segundo,
uma respiração fora do molde.

Antes que a voz do comando viesse,
o corpo dele já soube
onde a falha estava.

A mão subiu,
o queixo inclinou,
o ombro corrigiu o ar.

O outro imitou.

Não por obediência ainda,
mas por medo,
por fome de acerto.

E ele sentiu, sem entender,
que alguma coisa sua
já havia passado para outro corpo.

E então compreendeu
que já era exemplo.

O comando não vinha mais,
ou vinha de dentro.

O passo acontecia antes da palavra.
A voz respondia antes do ouvido.
A mão subia sem pensar.
O corpo virava antes de olhar.

Era o som
que o som já sabia.

E então compreendeu
que já era molde.

Tentou lembrar o primeiro "sim".
Tentou lembrar a primeira vez
que disse "sim" sem querer.
Tentou lembrar se dissera "não"
alguma vez.

Não conseguiu.

A memória estava ecoada.

Só restavam gestos,
sequências,
resposta sem pergunta.

Escrevo "ecoada"
e percebo que a palavra
não era minha antes.
Aprendi a usá-la lá dentro,
como aprendi outras.

Foi então que a Doutrina se revelou,
não dita,
não escrita,
mas presente em cada premiação,
em cada frase bem recebida,
em cada rosto que subia.

A Doutrina do Eco dizia:
"O bem formado não escuta: antecipa."
"O bem formado não pensa: reflete."
"O bem formado não sabe: repete."

O bem formado é o som
que se adianta à boca,
o corpo que curva
antes da ordem.

Chamavam isso de harmonia.
Chamavam isso de espírito da pedra.
Chamavam isso de vínculo,
e os que não possuíam
eram convocados a adquirir.

Eram levados
em silêncio educado,
com palavras calmas,
manuais,
exercícios de integração.

Mas ele via
que eram os que não repetiam.

Um hesitou diante da fileira.
Passaram a corrigi-lo
com ternura firme.
Depois, sumiu.

Outro gaguejou
num canto de ordem.
Disseram que precisava de "tempo".
Depois, sumiu.

Outro tinha voz própria.
E por isso,

calaram-no sem gesto.
Sumiu antes da terceira semana.

Ninguém era expulso.
Ninguém partia.
Mas sumiam.

E quando alguém perguntava,
o ar ficava opaco.
As frases mudavam de assunto.
O nome pesava no chão.

Um dia,
sem querer,
ele corrigiu um gesto
de alguém que hesitou.

Não era o mesmo de antes.
Era outro,
mais novo,
ainda com a pele sem o brilho seco
dos que já aceitavam.

O rapaz ergueu a mão
na altura errada.
Depois tentou recolhê-la,
como quem percebe o erro

antes de ser visto.

Ele viu.

E antes de decidir,
já estava corrigindo.

Não falou.
Apenas tocou o próprio punho,
baixou dois dedos,
endireitou o ombro.

O rapaz obedeceu.

Fez isso sem maldade.

Mas ao ver o olhar
do que hesitava,
entendeu que já era
pedra sobre o outro.

E naquele instante,
recuou por dentro.

Guardou o silêncio.
Não o de fora,
o de dentro.

Um lugar sem voz,
onde o som não alcança,
onde nada reverbera.

Ali,
não respondeu,
não antecipou,
ficou.

Ali,
guardou o que restava,
o nome inteiro
antes do reflexo.

O meu nome.
Ainda.

Falava,
mas duvidava.
Andava,
mas hesitava.
Gritava,
mas dentro havia
um corpo
que não respondia.

O espelho ainda devolvia o gesto.

Mas pela primeira vez,
ele não estendeu a mão de volta.

Capítulo III
A Voz Enlatada

Já não falava com boca.
Falava com formato.
A frase nascia pronta,
e a pausa vinha antes do ponto.

Ensinavam-lhe a altura do som
conforme a distância do eco,
a largura do gesto
conforme a sombra,
a posição do verbo
conforme o peso visível.

Ensinavam também o corpo,
o modo de manter as mãos,
a direção do olhar,
a demora certa antes de responder.

Nada ficava solto.

O som não era sopro.
Era rastro.

E todo rastro
vinha marcado.

Chamavam de Doutrina das Formas
esse modo de fazer caber
não apenas o que se dizia,
mas o modo de dizer,
o modo de mover,
o modo de permanecer.

Cada som devia chegar com borda,
cada frase, com medida,
cada gesto, com lugar previsto.

A voz vinha aparada.
O corpo, conduzido.
O olhar aprendia a pousar
onde lhe permitiam.

Antes de dizer,
era preciso caber.
Antes de mover,
era preciso confirmar
a forma do movimento.

Numa sala estreita,
mandaram que repetisse

a mesma resposta
com três intensidades diferentes.

Na primeira,
a voz saiu baixa demais.
Disseram que parecia dúvida.

Na segunda,
saiu alta demais.
Disseram que parecia vontade.

Na terceira,
não saiu dele.
Saiu certa.

Então assentiram.

Um deles anotou algo
numa folha curta.
Não leu em voz alta.
A anotação bastou
para que o corpo entendesse.

Não houve elogio.
Houve apenas o silêncio
de uma forma aceita.

Foi assim que aprendeu
que o tom também obedecia,
e que uma frase correta
podia falhar
se chegasse com corpo errado.

O som tem carapaça.
E a carapaça tem peso.
E o peso, tom.

Cada sílaba
pedia licença.
Cada palavra
vinha com medida.
Cada gesto verbal
tinha trilha.

O excesso era ruído.
O ruído era falha.
A falha, quebra.

Não era linguagem.
Era contenção.
As palavras vinham numeradas,
travadas por dentro,
seguras por fios invisíveis
que saíam do centro.

Durante os moldes,
não se plantava pergunta.
Apenas resposta brotava.

Ensinavam o tom do sim,
o peso do gesto no aviso,
a marcha do verbo herdado.

Havia um ofício
sobre o que calar.
Outro,
sobre como falar sem desvio.
E um terceiro
sobre como parecer
que havia escolha.

Diziam que todo som tem formato,
que toda frase precisa do selo,
que toda iniciativa deve nascer
antes da escuta.

Ao fim do molde,
não se falava mais.
Falava-se sem origem.

E ecoar

era estar correto.

E assim,
cada vez que falava,
não era ele,
era um outro
que lhe vestia a boca.

Um nome sem cheiro.
Um verbo sem origem.
Um som que carregava
o peso da estrutura
e a ausência de vontade.

Foi então que notou
que havia palavras proibidas.
Não por decreto,
por ausência.

Ninguém as dizia.
Ninguém sabia dizê-las.
E quem tentava
mordia o próprio som.

Os olhos já sabiam
o que o som não podia.
Aprendeu a olhar sem dizer,

a ouvir sem guardar,
a repetir sem saber.

Chamavam isso
de alinhamento.
Chamavam isso
de voz de função.
Chamavam isso
de doutrina interna
do reflexo puro.

E o eco,
agora,
era tudo.

Mas o silêncio não era neutro.

Havia dois tipos,
o imposto
e o escolhido.

O imposto
era leve na superfície,
mas frio por dentro.

O escolhido
era duro,

mas com raiz.

Dentro,
ele ainda guardava silêncio.
Mas o silêncio de dentro
começava a ser vigiado
pelo de fora.

A pedra já sabia.
O ar já sabia.
Os olhos dos moldes
já sabiam.

Um que falou demais
foi apagado do relógio.
Outro que citou um nome
foi dobrado ao molde.
Um terceiro
disse "não sei"
e nunca mais foi chamado.

Ninguém foi punido.
A pedra apenas
absorveu os nomes.

A voz era risco.
E por isso,

melhor não tê-la.

E foi então
que decidiu não falar.
Mas não por medo,
por escolha.

O silêncio dele
não era vácuo.
Era refúgio.
Era solo.

Enquanto todos
se calavam por regra,
ele se calava por raiz.

Começou a ouvir
os sons de dentro
como se fossem
de um idioma perdido.

Guardava-os
como se fossem relíquia.
Como se um dia
fossem precisos
para salvar alguém.

E no fundo da boca,
onde o eco começava,
ele trancou um som
que ainda não tinha nome.

Guardei.
Mas que um dia seria
a palavra proibida.

Capítulo IV
O Leito da Pedra

Veio então
a fase sem golpe.

O dia que começava igual.
A hora que cabia na hora.
O gesto que se encaixava
antes de pensar.

O ruído cessou,
mas não por ordem.
Por costume.
Por assimilação.

A pedra,
antes peso,
fez-se leito.

E o corpo,
já sem recusa,
acomodou-se no molde
como quem aceita a forma

por cansaço.

O gesto já sabia o chão.
O corpo sabia a espera.
A espera já vinha pronta
como trilho.

Numa manhã,
deram-lhe a mesma tarefa
que já havia cumprido
tantas vezes.

A mesa estava limpa.
A folha, alinhada.
O objeto no centro
pedia apenas deslocamento,
mas o corpo não esperou
a ordem terminar.

A mão foi antes.
Tomou a medida exata.
Moveu o objeto
até o ponto esperado.
Recuou no tempo certo.

Ninguém corrigiu.

Esse silêncio
foi diferente.
Não era ameaça.
Não era espera.
Era aceitação.

Ele permaneceu de pé
mais um instante,
sem saber se devia sentir alívio
ou ausência.

Depois veio o refeitório.
A mesma bandeja,
o mesmo líquido morno,
o mesmo pão sem borda.

Sentou no lugar indicado,
mas percebeu
que já não procurava o lugar.
O corpo chegava nele
antes da escolha.

À frente,
um recém-chegado
segurava a colher
com força demais.
O metal bateu no prato,

um ruído curto,
quase nada.

Ele não falou.
Apenas pousou a mão
sobre a própria bandeja
e reduziu o movimento.

O outro viu,
imitou,
e o som cessou.

Ninguém agradeceu.
Ninguém notou.
Mas a mesa inteira
ficou mais quieta.

Foi naquele silêncio
que percebeu outra coisa.

A correção já não vinha
de cima.
Passava pelo corpo dele,
sem ordem,
sem frase,
sem autorização visível.

E mesmo assim
era recebida.

A estrutura agora não feria.
Ela afagava.
Sem calor,
sem ternura,
mas afagava.

O alimento vinha.
A sombra sabia seu lugar.
O som era limpo,
não pelo silêncio,
mas pela repetição domesticada.

O que antes doía,
agora era rotina.
E a rotina
era uma febre morna
que fazia dormir
sem sono.

Os olhos dos outros
o procuravam.
Sem pedir,
ele já indicava o tom,
o ângulo do gesto,

a dobra correta da boca.

Passara a ensinar
sem perceber.
Ecoava sem som.
Formava sem verbo.

Ele era exemplo.
Não por escolha,
mas por encaixe.

Tornou-se parte
do desenho invisível da pedra.

Sua voz já era aceita.
Seus passos, modelo.
Sua boca,
uma dobra firme
do manual não escrito.

Chamaram-no ao centro.
Ficou em pé.
Não foi premiado.
Foi selado.

Não o nomearam,
mas todos souberam

que agora ele estava
dentro da forma.

E pela primeira vez,
sentiu alívio.
Alívio de não pensar.
Alívio de não escolher.
Alívio de ser o que era
sem precisar decidir.

A Cidadela sorria
sem mostrar os dentes.
Oferecia-lhe tudo
que antes negara:
estabilidade, função,
legitimidade.
E por um tempo,
isso bastou.

Dormia bem.
Comia no tempo certo.
Respondia no tom.

A pedra era quente.
O chão, firme.
A manhã, previsível.

A palavra esquecida
ainda trancada,
mas sem urgência.

Deitava-se
antes da hora.
Acordava
sem pressa.
Cumpria o traço.

E o tempo,
aquele que antes feria,
agora passava
sem ferida.

Por dentro,
a trinca estava coberta
por linho liso.

Não sumira.
Mas já não doía.
Era um vinco suave
no fundo da carne obediente.

No espelho,
não via rachaduras.
Via apenas

alguém correto,
alguém que soube esperar,
alguém que ficou.

Uma tarde,
ao lavar o rosto,
demorou um pouco mais
diante da água.

O reflexo vinha partido
pela superfície da bacia.
A luz tremia,
mas o rosto não.

Endireitou o queixo.
Ajustou a postura.
Reconheceu o gesto
antes de fazê-lo.

Aquilo parecia paz.

Não era inteira,
mas bastava
para que o corpo
não perguntasse.

Mas havia um ruído.

Não fora.
Dentro.

Como um chamado antigo,
como uma frase que não fora dita,
como um gesto contido
que tremia por nascer.

Era breve.
Era fundo.
Era sem palavra.
Mas estava lá.

E por isso,
a paz era incompleta.

Deitou no leito da pedra.
E ali sonhou
sem sono.

O silêncio de antes
não se quebrou.
Apenas se acomodou.
Mas não se entregou.
Não virou eco.
Não virou forma.

Dormia com ele.
No mesmo ritmo.
No mesmo leito.
À espera.

Mas na dobra do sono,
um nome sem rosto
passou correndo por dentro dele,
como se ainda não tivesse sido apagado.

Eu conhecia esse nome.
Antes.

Capítulo V
O Selo

Chamaram-no, enfim.

Não com palavras,
mas com o vazio deixado no centro.
Havia um espaço reservado,
e ele cabia nele.

Veio por um corredor mais claro
do que os outros.
As paredes não tinham marca,
a porta não tinha inscrição,
e ainda assim todos sabiam
que aquela era a passagem.

Entrou sem perguntar.

No centro,
havia uma mesa baixa,
um recipiente de metal,
um pano dobrado,
e uma lâmina curta

que não parecia arma,
parecia instrumento.

Vieram uns após os outros,
sem voz,
sem ordem falada,
apenas pelo gesto indicado
na sombra do que veio antes.

Um a um,
foram tocados
pelo ferro do gesto,
uma linha fria sobre a palma,
como quem grava sem ferir.

A pele não abriu,
mas recebeu.

Depois,
colaram-lhes um brilho
na dobra do corpo,
não luz,
mas marca;
não ornamento,
mas pacto.

O brilho era pequeno,

quase sem espessura,
e ainda assim mudava
o modo como o ar chegava à pele.

Ele olhou a palma.
A linha não sangrava.
Não doía.
Mas parecia mais antiga
do que a própria mão.

Fechou os dedos
uma vez,
devagar,
e a marca acompanhou o movimento
sem se mover.

Quando abriu a mão,
ela ainda estava ali,
limpa,
reta,
pertencente.

No pulso,
o sangue seguia.
Na palma,
a forma permanecia.

E todos souberam
que agora estavam selados,
ainda agora eram forma,
agora tinham nome
que não era mais só seu.

O corpo se firmou.
A palavra se recolheu.
O que havia por dentro calou.
O tempo se alinhou.

Ele passou a andar com o selo,
não o selo visível,
mas o outro,
o que muda o jeito
de ser olhado.

Chamavam-no diferente.
Ouvia um tom novo
no som dos outros.
Não havia mais teste.

Agora, era chão,
era peso,
era reflexo completo.

Mas o selo

não era só forma.
Era tarefa.
Era alvará.
Era encargo.

Disseram-lhe com os olhos
que agora era sua vez,
que agora dele se esperava,
que agora formaria
o que viesse.

E os que chegavam depois
já o tinham como espelho.
Já repetiam seu passo.
Já dobravam o gesto
pela sombra dele.

No primeiro deles,
reconheceu a própria demora.

O recém-chegado parou
diante da linha do chão,
sem saber onde pousar o pé.
A boca estava fechada,
mas os olhos perguntavam.

Ele não respondeu.

Moveu apenas o ombro,
indicou a distância,
firmou o queixo.

O outro ajustou o corpo
como se tivesse recebido
uma frase inteira.

Então ele entendeu
que já bastava estar ali
para que a Cidadela falasse.

Mas não era só ele.
Os outros selados
também haviam se tornado condutores.
O sistema falava por muitos,
e os muitos falavam por ele.

Já não havia ensino.
Havia repetição.
Já não havia gesto novo.
Apenas reflexos,
transmissões,
vínculos de eco.

A Cidadela
se alimentava de si mesma.

Ele corrigia sem esforço,
corrigia como fora corrigido,
falava como lhe falaram,
silenciava como lhe silenciaram,
apontava o tom
como lhe apontaram o tom.

Chamaram isso
de continuidade.
Chamaram isso
de espírito da pedra.
Chamaram isso
de maturidade do eco.

E ele,
por dever,
por forma,
cumpriu.

Transmitiu sem hesitar.
Formou sem dúvida.
Riscou os corpos
com a mesma linha
que lhe gravaram.

Mas um dia,

alguém hesitou.
A voz que vinha
tremeu.

O tremor foi pequeno,
quase cabia
dentro da palavra.

O outro olhou para baixo,
depois para ele,
como se esperasse
uma ordem ou uma absolvição.

E ele viu a palma ainda sem linha,
o ombro sem encaixe,
a boca antes da resposta.

Não corrigiu.
Não falou.
Não repetiu.

Ficou em silêncio,
não por omissão,
por memória.

A trinca,
aquela que dormia sob o selo,

voltou a se mover.

Não rachou.
Não rompeu.
Mas pulsou,
e eu soube.

Ainda estava lá.

Por um tempo,
isso bastou.

Porque estava certo,
porque estava selado,
porque era o curso natural
do que se aprende.

Mas agora sabia
que a escolha ainda vive,
mesmo escondida,
mesmo trêmula.

No fundo da dobra,
na carne que o ferro não alcançou,
escondeu um som
que ainda não era nome,
mas que um dia

poderia ser.

Chamaram-no de formado.
Chamaram-no de fonte.
Mas ele soube
que o que ele dizia
não era dele.

E o que era dele
ainda não podia ser dito.

Capítulo VI
A Voz que Apaga

Agora ele era a voz.

Não a voz que escolhe,
a voz que é chamada,
a que vem quando o silêncio de outro
precisa ser preenchido.

Era consultado,
era convocado,
era o que se olha
quando alguém não sabe
o que deve fazer.

E ele sabia,
ou o corpo sabia,
ou o selo sabia pelo corpo.
A diferença já não era clara.

Cada vez que falava,
a frase chegava formada.
Não vinha de dentro,

vinha de antes,
do que fora ensinado,
do que fora repetido até virar reflexo,
do que a Cidadela havia colocado
no centro da boca
para que saísse quando precisasse.

Os que escutavam
inclinavam o gesto.
O tom era aceito,
a instrução, seguida.

E havia nisso uma satisfação
que ele não esperava sentir
e que sentiu,
não satisfação de poder,
não de orgulho,
mas de encaixe,
de ser o lugar certo
no momento certo,
de sentir o sistema funcionando
através de si
sem atrito,
sem ruído,
sem resto.

Era isso que a Cidadela

chamava de maturidade.
E havia algo nela
que era verdadeiro,
ainda que de um modo
que ele ainda não sabia
nomear como perigo.

Mas havia dias
em que o que chegava para ser dito
não cabia limpo.

Um hesitou à frente,
não com arrogância,
com dúvida,
o tipo de dúvida que tem rosto,
que ainda não aprendeu
a se dobrar antes do gesto,
que ainda acredita
que a dúvida é permitida.

Ele viu o tremor,
viu a boca do outro
procurando uma palavra
que a doutrina ainda não tinha substituído.

E quis deixar.
Quis dar ao outro

o tempo que ninguém lhe dera.
Quis ficar em silêncio,
não o silêncio da norma,
o outro.

Mas os olhos ao redor
já esperavam,
não com impaciência,
com certeza,
a certeza de que ele falaria,
a certeza de que era esse
o papel do selado.

E então falou
com a voz certa,
com o tom do encaixe,
com a firmeza que a pedra espera
de quem já carrega o selo.

Corrigiu,
ajustou,
nomeou o que o outro deveria fazer,
e a dúvida do outro desapareceu,
não resolvida,
apagada.

Como se nunca tivesse estado ali.

Como se o tremor da boca
fosse falha de percurso
e não sinal de dentro.

A reunião seguiu.
O gesto foi recebido
com o silêncio de aprovação
que a Cidadela usa
quando algo foi feito
como se esperava.

Ele seguiu também.

Mas mais tarde,
não horas depois,
não naquela noite,
mas em algum momento
que não soube precisar,
ficou com o que não dissera,
não com o que falara,
com o que não deixara ser dito.

A voz do outro
tremera antes de sair.
E ele vira o tremor.
E usara a voz funcional
para apagá-lo

antes que se tornasse ruptura.

E o outro recebera.

A mão voltara ao lugar.
A boca fechara.
O olhar descera,
não com vergonha,
com ajuste,
com o gesto de quem aprende,
naquele instante,
que o tremor era erro.

O corpo do outro
aprendera a não tremer.
E quem ensinara isso
fora ele.

Como havia sido ensinado.
Como a Cidadela ensinava,
não com punição,
mas com o peso do olhar
de quem já sabe
pousado sobre quem ainda não sabe.

Chamavam isso
de continuidade.

Chamavam isso
de espírito da pedra.
Chamavam isso
de maturidade do eco.

E ele cumprira.

Mas havia um peso novo,
não na mão,
no som.

Como se a voz que usara
tivesse saído de um lugar
que ainda era seu,
mas que já não seria
por muito mais tempo.

A fissura não era de culpa.
Era de reconhecimento.

A voz funcional
não hesita para ouvir.
Por isso serve ao sistema.
Por isso é aceita.
Por isso é chamada.

E por isso, às vezes,

fecha o que deveria abrir,
apaga o que deveria existir,
transforma a dúvida do outro
em falha,
porque a dúvida, ali,
não tem lugar.

Havia feito o certo
dentro da doutrina,
dentro da forma,
dentro do esperado.

Mas havia alguém
que saíra com a dobra
que ele pusera.
Havia alguém
que aprendera,
naquele gesto,
que a dúvida era erro.

E essa aprendizagem
já não podia ser retirada.

Não ficaria registrada em folha.
Não seria lembrada como instrução.
Não teria assinatura.

Mas voltaria no corpo do outro
mais tarde,
diante de alguém menor,
diante de outra dúvida,
diante de uma boca ainda aberta.

A correção seguiria
sem o seu nome.

Passaria adiante
como passam as coisas bem aprendidas,
sem mestre visível,
sem origem confessada,
sem culpa repartida,
com a voz que não era sua,
com o tom que não escolhera,
com a firmeza que o sistema
colocara na boca
para que saísse
quando precisasse.

Não disse a ninguém.
Não havia o que dizer.
A função fora cumprida.
O eco seguia.
O sistema funcionara sem atrito.

Mas à noite,
o que ficou
não era o encaixe.

Era o rosto de antes,
o do outro,
ainda com a dúvida no corpo,
antes de eu falar
e apagá-la.

Repeti por dentro, sem querer:
a norma é mais importante que a vida.

E soube, desta vez,
que sabia o que a frase custava.

Mas segui.
Porque havia dever,
porque havia ordem,
porque havia ainda
um papel a cumprir.

E o que se apagava
não era o corpo.
Era o nome.

O nome de antes do selo.

O que um dia
quis ser
só voz.

Capítulo VII
O Peso das Janelas

Foi lançado ao mundo
com o peso do molde.

Não caminhou,
foi enviado.
Não escolheu,
foi previsto.

A função o movia,
e os olhos superiores,
que olhavam de rádios,
ainda o guiavam.

Passou a percorrer ruas,
praças, muros altos,
becos onde o nome
não alcançava.

Mas não via.
Via o reflexo.

Tudo lhe chegava através de janelas.
As do carro.
As das casas.
As dos olhos que se fechavam
um pouco antes do gesto.

As janelas não quebravam.
Eram espessas,
filtravam o corpo,
aparavam a dor do outro
até que ela chegasse limpa,
sem som,
quase sem pessoa.

Trazia consigo a doutrina,
o verbo modelado,
o corpo adestrado.

Mas lá fora,
o mundo pedia outra coisa.

Não pediam cautela.
Pediam decisão.
Não pediam medida.
Pediam fim.

As frases vinham das calçadas,

das portas abertas,
dos rostos que assistiam
sem se aproximar.

— Acaba com isso.
— Esse aí não escapa.
— Tem que fazer valer.
— Homem de verdade não hesita.
— Tem que ser forte.
— Tem que ser firme.
— Bandido não volta. Bandido azeda.

Ele carregava regras,
mas pediam que resolvesse
com o pulso.
Pediam urgência.
Pediam sangue limpo.
Pediam justiça
com a boca torta da vingança.

O povo sorria
quando ele obedecia
ao que não dissera.
Aplaudia quando o gesto
vinha antes da escuta.

E isso doía mais

do que o silêncio da pedra.

Dentro da Cidadela,
o eco era norma.
Fora dela,
o eco era desejo.

Percebeu que sua farda simbólica
era mais temida que escutada,
e mais desejada por isso.

Não o queriam homem.
Queriam arma com rosto.

Certa vez,
pôs o pé fora da linha.
Viu uma injustiça miúda,
um erro de fome,
um gesto que pedia palavra.

Era quase nada
para quem olhava de longe.
Uma mão fechada demais,
um pacote escondido,
um corpo magro
tentando parecer menor
do que a própria culpa.

O rádio chamava.
A rua olhava.
A regra já tinha lugar
para aquele gesto.

Ele viu também
a mulher atrás do balcão,
sem raiva suficiente
para pedir castigo,
sem coragem suficiente
para pedir espera.

Ela apenas apontou,
porque apontar era mais seguro
do que explicar.

Ele tentou escutar.
Tentou falar baixo.
Tentou aliviar
sem desfazer a ordem.

Foi olhado com raiva.

— Vai passar a mão na cabeça?
— Você é dos nossos ou não?
— Isso é frouxidão.

A frase não veio da Chefia.
Veio da rua.

E o olhar do povo
foi mais duro
do que o da estrutura.

Naquele instante,
percebeu que havia dois públicos:
o da ordem, que cobrava precisão,
e o da rua, que exigia sangue.

Nenhum deles queria escuta.
Ambos queriam resposta.

Ali,
compreendeu que não bastava
a Cidadela moldar a pedra.
O mundo também queria seu corte,
também queria seu reflexo,
também queria participar
do gesto sem carregar
o peso do gesto.

Do lado de fora,
a justiça não era justa.

Era útil.
Era ferramenta.
Era pressa.

Os que pediam firmeza
não tocavam o corpo.
Os que pediam fim
não assinavam nada.
Os que diziam coragem
ficavam atrás das janelas,
atrás dos balcões,
atrás da segurança
de não serem chamados.

Tentou recuar.
Mas o dever o empurrava.
Tentou descer.
Mas o movimento era linha.

No fim do dia,
voltava com a boca seca
e a mão trincada,
porque corrigira
o que não queria corrigir,
porque executara
o que deveria ter sido ouvido.

Encostou a testa
na janela do carro sem nome.

O vidro estava frio.
A cidade passava nele
em partes:
um poste,
uma porta,
um rosto virado,
uma criança puxada pelo braço,
uma luz acesa cedo demais.

Nada ficava inteiro
atrás do vidro.

O vidro organizava.
Separava.
Protegia.

Pensei:
o vidro protege
quem não deve sentir.

Mas eu sentia.

E isso era falha.

Seguiu,
porque a função ainda mandava.

Mas agora,
o peso não vinha só da pedra.
Vinha dos olhos que esperavam
um homem que não hesitasse,
vinha das bocas que pediam ordem
para não ouvir a própria fome,
vinha das janelas fechadas
quando o gesto finalmente caía
sobre alguém.

E ele hesitava.

Não fora.
Não no rosto.
Não na mão.

Hesitava por dentro,
como sempre,
em silêncio.

A Cidadela o formara
para responder.
O mundo o queria
para confirmar.

E entre uma coisa e outra,
a voz que ainda restava
procurava uma fresta
onde pudesse não obedecer.

Capítulo VIII
O Rosto no Chão

Houve um dia que não foi como os outros.
Não pelo que aconteceu,
mas pelo que ficou.

Foi numa tarde clara.
O ar sem ruído.
A ordem sem hesitação.
O gesto previsto.

Chegaram na hora marcada.
O nome era conhecido,
a causa vinha pronta,
a resposta já parecia escrita
antes que alguém a executasse.

Não se tratava de dúvida.
Tratava-se de procedimento,
de resposta,
de medida esperada.

Havia peso,

mas não hesitação.
O gesto era justo
porque vinha da ordem.

Encontraram o homem
quieto,
cansado,
sem negação.

Não resistiu,
mas também não cedeu.
Ficou de pé.
Olhou.

Ele chegou perto,
ordenou,
esperou o movimento correto.

O outro não moveu.
Não por desobediência,
mas por algo entre exaustão
e espera.

Havia uma poeira baixa
junto ao muro.
Havia uma janela fechada
do outro lado da rua.

Havia alguém olhando
sem querer ser visto.

Nada interrompia o protocolo.

E então,
executou.

Corrigiu o corpo.
Reduziu a distância.
Tirou-lhe o chão.

O homem caiu.
O rosto encontrou a terra,
e o som do impacto
foi breve,
mas ficou.

A mão fez o que aprendera.
O braço seguiu a medida.
O corpo respondeu
antes que a escuta pudesse
abrir outro caminho.

Havia feito o certo
dentro da doutrina,
dentro da forma,

dentro do esperado.

A estrutura elogiou.
Os olhos respeitaram.
O procedimento seguiu.

Um dos presentes
baixou a cabeça
como quem confirma
não a dor,
mas a adequação do gesto.

Outro anotou.
A caneta riscou o papel
com a tranquilidade das coisas
que já têm campo próprio.

Ninguém perguntou
o que o homem tinha visto
antes de cair.

Ninguém perguntou
se o olhar dele
ainda dizia alguma coisa
depois da terra.

No dia seguinte,

os jornais exibiram as imagens
com palavras claras,
"agilidade",
"prontidão",
"resposta firme".

Chamaram-no de exemplo,
de precisão,
de equilíbrio,
de justiça bem-feita.

As bocas repetiam
na calçada,
na tela,
na feira.

— Aí sim.
— É disso que o povo precisa.
— Um a menos.
— Agora sim tem ordem.

E ele ouvia
com rosto limpo,
com resposta pronta,
com tudo conforme.

Mas por dentro,

o som era outro,
mais lento,
mais fundo.

O homem não era inocente.
Não era.
Não porque merecesse clemência.
Já não cabia.

Mas porque a forma da justiça
não devolveu sentido.

Esperava sentir firmeza.
Sentiu oco.
Esperava paz.
Sentiu eco.

Ao voltar,
ninguém falou.

Mas ele escutava o silêncio
como quem escuta
a dúvida não permitida.

Na sala de registro,
a mesa estava limpa,
a luz branca caía sobre as folhas,

e o formulário recebia tudo
sem resistência.

Horário.
Local.
Causa.
Resposta.
Resultado.

A mão preenchia.
A caneta seguia.
O papel aceitava,
e, mesmo assim,
todos sabiam
que tudo estava correto.

Nenhuma linha pedia rosto.
Nenhum campo pedia espera.
Nenhuma pergunta perguntava
pelo som breve
que ficara no chão.

Repetiu as frases de praxe,
"proporcional",
"técnico",
"dentro do padrão".

No relatório,
o número da ocorrência era 1.147.
Do ano.
Ainda faltavam onze meses.

Mas nenhuma frase
firmava por dentro.

A mão que o derrubou
não doía.
Mas a que não o levantou
era minha.

E doía o tempo inteiro.

Foi ali
que a distância entre ele e eu
começou a falhar.

Eu ainda escrevia de longe,
ainda dizia ele
para poder olhar,
mas a mão era minha,
a omissão era minha,
e o rosto no chão
não aceitava mais
ficar fora de mim.

Escrevi depois que,
na Cidadela,
a Justiça vinha como instrumento,
como cálculo,
como simetria do gesto.

Ela não perguntava
o que havia antes do corpo.
Não perguntava
o que restava depois da queda.
Media,
aplicava,
registrava.

O rosto no chão
me ensinou isso
sem frase.

O gesto podia estar certo
e ainda assim
derrubar um rosto
sem voz.

À noite,
voltei a encostar a testa
na janela.

O vidro tremia
com a marcha do carro,
mas eu tremia
por outro motivo.

A cidade passava em partes,
luz,
porta,
poste,
muro,
olhos que se recolhiam
antes de serem chamados.

Tudo parecia seguir.
A ocorrência estava lançada.
A folha, preenchida.
O padrão, preservado.

Dormi cedo,
sem sonho,
sem novidade no escuro,
com tudo certo
na folha do dia.

Repeti por dentro,
três vezes,

proporcional,
técnico,
dentro do padrão.

Mas a repetição
não limpou a imagem.

O rosto permaneceu
bem guardado
no fundo da retina,
sem nome,
sem defesa,
sem voz.

Como se nunca tivesse olhado.
Mas olhou.

Capítulo IX
O Caderno

Não saiu da função,
mas havia um caderno.

Não sabia desde quando.
Não lembrava de tê-lo colocado ali,
na gaveta de baixo,
debaixo dos manuais do início,
os que ensinavam ao corpo
aquilo que o corpo já sabia de cor.
Estavam empilhados,
retos,
com as bordas alinhadas,
como se ainda obedecessem
à ordem da prateleira.

Puxou o primeiro,
depois o segundo.
O caderno estava sob eles,
com a capa lisa
e uma superfície que,
ao toque,

não devolveu nada.

Abriu a página.

Era branca,
mas não como a do relatório,
que também era branca
e já sabia o que queria.
A do relatório vinha com campo,
código,
linha para assinatura,
lugar certo para o verbo.
Aquela, não.
Aquela esperava,
aberta como uma sala sem cadeiras.

Pegou a caneta,
não a da função,
mas a outra,
a que ficava no bolso de dentro,
a que não assinava nada
e às vezes ele carregava
sem saber por quê.

Pousou a ponta no papel.
Quis escrever o que via,
não o que reportava,

não o que a folha oficial
permitia dizer
sem que nada se movesse.
Quis escrever o que via por dentro.

O rosto de antes
de apagar a dúvida.
O tremor da boca do outro
que ele fechara
com a voz certa.

A satisfação do encaixe
e o peso depois dela.
O som do rosto no chão.
A frase repetida por dentro
até perder a voz
e ficar apenas como forma.

A caneta desceu,
e o que saiu foi
"a ocorrência foi tratada
conforme os parâmetros vigentes."

Ficou olhando.
A frase estava correta,
limpa,
sem excesso,

sem hesitação.
Cabia em qualquer folha,
em qualquer boca
que tivesse aprendido
a não deixar marca.

Reconheceu cada palavra,
não porque as tivesse escolhido,
mas porque todas vinham do lugar
onde a Cidadela havia instalado
a voz funcional,
esse ponto sem rosto
de onde saíam frases corretas
antes que qualquer sensação
alcançasse a boca.

Tentara escrever por dentro.
O de fora viera primeiro.

Riscou a frase.

O risco atravessou o papel
com mais força do que pretendia.
Tentou de novo,
e veio
"o procedimento foi executado
dentro da margem esperada."

Era o relatório de novo.
Havia mudado a frase,
mas não o lugar
de onde a frase vinha.
Riscou outra vez,
e desta vez
o papel prendeu a ponta.
A caneta raspou,
a fibra abriu um pouco.
Era quase nada,
mas era mais verdadeiro
do que a frase.

Tentou lembrar
uma palavra de antes,
não uma palavra grande,
não uma palavra de doutrina,
mas uma palavra simples,
que viesse antes do selo.
A mão ficou parada.
O silêncio não ajudou.
O silêncio também tinha sido treinado.

Virou a página.
A nova folha apareceu limpa,
como se o começo também estivesse tomado.

Tentou pelo corpo,
não pelo evento,
não pela ocorrência,
não pelo resultado.
Pelo que o músculo guardava
e a voz não alcançava.
Pelo que doía
sem ter nome no protocolo.
Pelo encaixe
e pelo que o encaixe custava.

Começou com duas palavras.

"senti que"

Parou,
leu,
e pareceu seu.

A palavra tinha vindo baixa,
sem uniforme,
sem número,
sem carimbo.
Continuou,
e a frase retomou a mão.

"senti que a medida aplicada
preservava a ordem necessária."

A primeira palavra
ainda parecia sua.
Depois vinha a mesma língua
retomando o comando
por dentro da frase.

Tentou salvar o começo.
Riscou primeiro
"preservava a ordem necessária."
Sobrou
"senti que a medida aplicada."
Ainda obedecia.
Riscou
"a medida aplicada."
Sobrou
"senti que."

O começo estava ali,
mas sem corpo,
sem direção.
Tentou escrever depois,
mas a ponta mal encostou no papel
e o corpo preparava
uma justificativa.

A frase vinha com ordem,
com adequação,
com medida.

Recuou
e riscou tudo,
não com raiva,
com precisão.
O risco desceu reto,
cortou o "senti",
cortou o "que",
cortou a tentativa inteira.

E então viu que até a rasura
sabia como devia descer,
como se a mão,
mesmo tentando negar a frase,
ainda obedecesse
ao ângulo da assinatura,
à pressão da correção
e à limpeza administrativa
das coisas que fingem apagar
sem deixar culpa.

A página já estava aprendendo
a parecer processo.

Fechou o caderno,
não por desistência,
por escuta.
Ficou com ele sobre a mesa,
os manuais deslocados.
Nada parecia grave,
e justamente por isso era grave.

Abriu de novo,
não para escrever,
para ver.
A página marcada estava ali,
três tentativas,
três riscos.
A primeira, limpa demais.
A segunda, correta demais.
A terceira, pior,
porque começara
com uma palavra de dentro
e terminara
com a língua da função.

Passou o dedo perto do risco,
sem tocar.
A palavra "senti"
ainda aparecia um pouco
por baixo da linha,

não apagada,
não inteira.
Ficou assim,
um resto de palavra
sob a ordem do risco.

Ele não a reescreveu.
Também não virou a página.
Sentou-se diante dela
como se estivesse diante de alguém
que ainda respirava baixo
e não podia ser chamado.

O tempo passou.
O corredor teve ruídos,
passos,
uma porta,
um chamado distante.
Ele não respondeu.
A folha esperava,
e pela primeira vez
não preencher
pareceu menos erro
do que preencher.

Como se ficar diante
do que não se consegue dizer

fosse mais honesto
do que dizer
com a língua do outro.

Fechou a página,
mas não devolveu o caderno à gaveta.
Guardá-lo fundo
seria transformá-lo
em coisa escondida,
e escondido,
tudo ali obedecia
à mesma ordem das coisas
que não podiam ser vistas.

Deixou-o à mão,
sobre o manual
que não abria mais.
Visível,
não no centro da mesa,
ainda não,
mas onde pudesse vê-lo
sem procurar.

Nos dias seguintes,
voltou.
Às vezes escrevia uma palavra
e riscava.

Às vezes escrevia apenas
o começo de uma frase.

"senti que"

"vi"

"ouvi"

"parei"

Nenhuma ficava inteira,
mas ficavam as marcas.
As páginas começaram a guardar
mais riscos do que frases,
e os riscos, aos poucos,
deixaram de parecer erro,
porque já não eram simples falhas
da escrita,
mas a forma possível
de impedir que a frase limpa
ocupasse sozinha
o lugar do vivido.

Diziam que eu tentara.
Diziam que a frase viera tomada.
Diziam que eu não aceitei

a frase limpa.

O caderno guardava
o que eu ainda não sabia dizer.
Guardava o rosto,
o som,
o que fiz,
o que calei.
Não me absolvia.
Também não me explicava.
Ficava aberto,
e isso bastava.

Passei a carregar o caderno
à noite,
para não esquecer,
para ter onde deixar
o que vi,
o que fiz,
o que não fiz.

Porque o que não se sustenta
em algum lugar,
some.
E eu já havia visto
nomes sumirem
por falta de página.

Capítulo X
A Roda no Escuro

Ficava no canto.

Não esquecido,
mas também não lembrado.

O gesto era exato,
o tom, correto,
a roupa, limpa,
a função, cumprida.

Mas já não brilhava,
não girava como os outros,
e por isso ficava onde o centro não alcançava,
mas de onde quase tudo podia ser visto.

Começou a notar o giro.
No início, não como quem descobre uma regra,
mas como quem percebe que uma cadeira
mudou de lugar
e ninguém menciona.

Não anotou de imediato.
O caderno ainda não recebia
a frase inteira.
Recebia o intervalo.

Mas, depois dele,
as coisas começaram a deixar borda.

Primeiro, uma cadeira.

Na semana anterior,
ficava vazia perto da janela.
Depois apareceu ocupada
por outro corpo,
com a mesma pasta,
no mesmo ângulo,
como se a cadeira nunca tivesse esperado
ninguém.

Depois, um nome.

Vinha em duas folhas.
Numa, inteiro.
Noutra, abreviado.
Na terceira, não vinha.

Ninguém perguntou.

Um convite chegou com horário,
mas sem assunto.
Outro chegou com assunto,
mas sem horário.
Um terceiro não chegou,
e mesmo assim todos sabiam
onde estar.

Ele via.

Não como antes.

Antes, via o movimento
e seguia por dentro dele.
Agora via o pequeno deslocamento
que ficava depois que o movimento passava,
o sinal mínimo que não se escrevia
e ainda assim reorganizava
o corredor inteiro.

Um envelope entregue por mão errada.
Uma pasta deixada sobre a mesa
de quem não devia recebê-la.
Um visto feito por quem antes
apenas encaminhava.
Um cumprimento que durava menos

quando certo nome atravessava o corredor.

À noite,
abriu o caderno.

Escreveu
"subiu."

Riscou.

A palavra parecia promoção.

Escreveu
"foi deslocado."

Riscou.

Parecia relatório.

Escreveu
"não voltou."

Parou.

A frase ficou por alguns instantes.
Depois, não a riscou.
Também não continuou.

O caderno ficou aberto
com aquelas duas palavras pobres,
quase inúteis,
mas mais próximas do que vira
do que qualquer explicação.

Não voltou.

Havia também um homem
que não subia nem caía.

Ficava certo demais.

Chegava antes,
saía depois,
tinha a roupa limpa,
a pasta junto ao corpo,
o rosto sem pressa.

Não era brilhante.
Não era fraco.
Não era lembrado
quando se falava dos nomes
que poderiam crescer.
Mas estava sempre ali,
com a regularidade discreta

dos que sustentam a máquina
sem receber o nome da máquina.

Na lista,
vinha completo.
Depois, abreviado.
Depois, só uma inicial.

Ninguém perguntou.

Uma vez,
ele o viu fechar um manual
antes que a leitura terminasse.
Não por pressa.
Por saber.

A capa dizia
"conduta em ambiente de desalinhamento."

O homem passou a mão
sobre a lombada,
como quem toca uma coisa
que já não serve,
mas ainda pesa.
Depois guardou o manual
embaixo do braço.

Ao cruzar a janela,
não olhou para fora.
Olhou para o vidro,
mas não para o mundo,
e seguiu.

Ele guardou aquele nome
sem escrever.

Ainda.

No dia seguinte,
olhou melhor.

Um subia.
Outro sumia.
Outro voltava com outro nome,
outro posto,
outro tom.

Não se falava em troca,
nem em mérito.
Falava-se em adequação,
quando era necessário falar.

Como se os corpos tivessem sido feitos
para se mover sem explicação,

para entrar e sair de lugares
que já os esperavam
antes que soubessem
que haviam sido escolhidos.

O papel circulava.
O gesto era assinado.
E todos sabiam que era assim.

Alguns nomes cresciam
como se tivessem sido plantados antes.
Outros diminuíam
sem razão de tempo ou estação.

E o que não se dizia
era o que mais se mantinha.

Ninguém anunciava a saída.
Ninguém explicava a chegada.
Mas os nomes vinham,
e os nomes iam.

O mérito se diluía
antes de alcançar o papel.
O critério ficava fora da folha,
fora da sala visível,
fora da frase que poderia ser repetida.

Sabia que havia salas
onde o som não ecoava
e que, nessas salas,
decidia-se o giro.

Não viu trapaça.
Não viu justiça.
Viu rotação.

E ele também girava.
Pouco,
mas o bastante para saber
que estava em movimento
mesmo parado.

Certa vez,
chamaram seu nome com outra voz,
mais firme,
mais aberta,
e disseram:

— Estamos observando.

Não era promessa.
Era ensaio de promessa.

Durante alguns dias,
seu nome apareceu mais perto do centro.
Chamaram-no para salas onde antes não entrava,
pediram opinião sobre coisas que já vinham
decididas,
escutaram suas respostas com uma atenção
que parecia reconhecimento,
mas tinha o peso artificial
das cerimônias preparadas.

Ele respondeu bem,
com medida,
com precisão,
com o tom que esperavam,
e por um tempo pareceu que subiria.

Mas então viu outra pasta
chegar antes da sua.

Não trazia mérito visível.
Trazia caminho.

O nome dentro dela
já circulava antes da escolha,
já era tratado com cuidado,
já recebia cumprimentos
que ainda não tinham motivo.

Ninguém explicou,
porque ninguém precisava explicar.
O lugar que parecia abrir-se
já tinha dono
antes de parecer lugar.

E eu soube que não subiria.

Não por falta,
não por erro,
não por recusa,
mas por acerto anterior,
por mão interna,
por vínculo sem assinatura.

A roda não escolhe o melhor.
Escolhe o que já está preso
ao seu giro.

Depois disso,
passou a ser olhado
com menos duração,
chamado com mais distância,
posicionado mais à margem,
não como punido,
mas como peça que serviu

até onde convinha.

Não era punição.
Era dissolução funcional,
uma forma limpa de continuar presente
sem ser realmente chamado.

Via os outros com atenção.
Sabia quem estava subindo.
Sabia quem estava caindo.
Mas ninguém dizia.

Porque dizer era arriscar ser nomeado
antes da hora.

Lembrou-se do homem
cujo nome havia guardado sem escrever,
discreto,
capaz,
comedido,
um daqueles que sustentavam a máquina
sem aprender a negociar com ela.

Já vinha diminuindo nas folhas,
primeiro inteiro,
depois abreviado,
depois só inicial.

Agora não o via mais.

E ninguém comentou.
Mas todos sabiam.

Então entendeu que não há queda.
Há sumiço.

E ele, sem querer,
passou a mover o rosto
quando era preciso.
Não por crença.
Por ritmo.

O pensamento ficou mais curto,
a frase mais genérica,
o sim mais prático.

Era o preço da permanência.
Era o custo da ausência de ruído.

A roda seguiu,
girando no escuro
como coisa bem-feita,
sem atrito,
sem freio,
sem rosto.

Capítulo XI
O Corpo que Segura

Naquele dia,
a voz chegou ao corpo
e parou.

Não foi grande coisa.
Não houve queda,
não houve grito,
não houve nada que pudesse alterar
o desenho limpo da manhã.

Foi numa sala de passagem,
com banco encostado na parede,
uma mesa estreita,
duas cadeiras de metal
e a luz branca caindo sobre o rosto
de um homem que já não sabia
onde colocar as mãos.

O colega deu a ordem sem escutar.

O homem tentava explicar

alguma coisa simples,
um horário,
um nome,
um documento que faltava,
talvez nada que mudasse
o curso do dia.
Falava baixo,
não por insolência,
mas porque o medo diminuía a voz
antes dela sair.

O colega não ouviu.
Interrompeu antes da metade,
aproximou-se demais,
corrigiu com excesso
o corpo que já estava corrigido
e deixou uma marca
onde não precisava haver marca.

O homem respirou curto.
Não gritou,
não protestou,
apenas levou a mão ao braço,
como quem confirma
que ainda era seu.

Ninguém comentou.

Era rotina,
era pressa,
era o dia andando
com o peso bruto das coisas
que só parecem pequenas
porque se repetem.

Mas ele viu,
e reconheceu, no corpo do outro,
o momento antes de aprender
a não tremer.

Não era a primeira vez que via.
Era a primeira vez que via
sem conseguir separar
o braço do homem
da própria memória do braço.

A voz chegou.
A frase estava pronta.
Uma palavra bastaria,
não alta,
não dura,
apenas suficiente
para devolver ao gesto
a medida que havia perdido.

Mas o corpo segurou.

A mandíbula fechou antes da frase.
A respiração parou no meio,
o estômago recuou,
e a boca não se abriu.

Ninguém notou,
porque ele segurava bem,
com treino,
com cálculo,
com o medo antigo
de ser visto por dentro.

O momento passou.

O colega recolheu os papéis,
a cadeira voltou ao lugar,
o homem foi levado
para o corredor seguinte
com o braço junto ao corpo
e o olhar mais baixo
do que tinha entrado.

A injustiça foi recolhida
como se nunca tivesse acontecido,

não apagada,
mas absorvida pela sequência,
dissolvida no andamento
de uma manhã capaz
de engolir qualquer coisa
sem alterar o horário.

Ele ficou com a frase no corpo,
com o gesto no osso,
com o silêncio no estômago.

Não disse,
porque dizer
é trincar a função.

Sabia disso desde o início,
desde a tranca,
desde a voz treinada,
desde o selo,
desde a roda,
desde todos os instantes
em que sobreviver
foi manter a frase
dentro da boca.

Falar fora de hora
é ser notado.

Ser notado
é ser girado.
Ser girado
é sumir.

E eu queria ficar,
ou achava que queria,
ou já não sabia distinguir
permanência
de medo administrado.

No dia seguinte,
tudo seguia.

O colega ria.
O comando rodava.
A rotina fluía
com a mesma superfície limpa
dos dias que não admitem
ter guardado alguma coisa
por baixo.

Mas ele sabia o que viu,
sabia o que não disse,
sabia o que segurava.

E era isso.

A força não estava
no braço,
na voz,
na função.
Estava na contenção,
na pausa,
na trava interna,
na capacidade de prender
o justo
para preservar o previsto.

Era força,
mas voltada para dentro.

Como quem segura um grito
com os dentes,
como quem prende a mão
antes que ela alcance
o que deveria proteger,
como quem transforma
a própria consciência
em mais uma peça
do mecanismo que condena.

A roupa ainda cabia.
O gesto ainda servia.
Mas o corpo,

por dentro,
doía.

A frase engolida
não foi embora.
Ficou na nuca,
na dobra das costas,
no músculo da respiração.

Durante o dia,
voltava em pequenos movimentos,
quando alguém ria
um pouco alto demais,
quando uma porta batia,
quando outro corpo hesitava
diante da ordem.

Ele não pensava nela.
Ela pensava nele,
do fundo do corpo,
com a paciência das coisas
que esperam o escuro
para ocupar a boca.

À noite,
abriu o caderno.

Tentou escrever
"eu devia ter falado."

A frase saiu limpa demais,
quase moral,
quase pronta para absolver
quem escreve depois.

Riscou.

Tentou
"não falei."

Ficou pior,
curta,
reta,
correta demais,
como se a própria omissão
pudesse virar dado.

Então escreveu
"segurei."

Não riscou.

A palavra ficou ali,
pesada,

sem objeto,
mas verdadeira.

Segurei.

Não o colega.
Não a injustiça.
Não o erro.

Segurei a mim mesmo
no lugar exato
em que eu deveria
ter deixado a voz passar.

E ali compreendi
que a Cidadela
não precisava apenas
de quem obedecesse.
Precisava de corpos
capazes de conter
a interrupção,
de homens que vissem o excesso
e chamassem prudência
ao próprio medo.

Deitou sem som.
Sem notícia.

Sem trinca nova.

Mas com a frase
ainda inteira
no escuro da boca,
e com a palavra escrita
no caderno,
pequena,
pesada,
incômoda,
como uma mão fechada
que não se abre.

Capítulo XII
A Roupa que Não Cai

Ficou,
não porque queria,
mas porque era cedo demais para sair
e tarde demais para voltar.

O nome ainda cabia na folha,
o selo ainda abria portas,
a voz ainda sabia o tom,
mas o gesto já não era dele.
O eco seguia sem rosto.

Entrava nas salas,
sentava nos lugares,
falava com os mesmos,
e o que dizia não encostava mais
em nenhum corpo.
Tudo o que fazia tinha o peso
de um ato repetido sem intenção.

O tempo parecia cumprir
uma pena silenciosa.

Ele calculava os dias,
o ciclo,
a regra que dizia só mais três anos,
só mais dois,
só mais um pouco,
e cada conta deixava o fim
mais distante do que antes.

Contava.
Dobrava o calendário.
Passava o dedo nas margens,
como se a página pudesse ceder
por insistência.

Mas nada se movia.

A roupa era a mesma,
mas já não vestia,
sustentava.
Estava nela como um corpo pendurado
sem vento,
não caía,
não partia,
não podia dizer que ainda era,
mas também não podia dizer
que já não era.

Tudo ao redor seguia.
Outros vinham,
outros subiam,
outros eram recolocados
em lugares que pareciam ter esperado por eles.
O rito continuava,
mas sem o peso da sua hesitação.

E ele,
ali,
cumpria dias como quem segura a respiração
numa sala sem paredes.

O gesto que fazia
ainda cumpria o papel,
mas não como ato.
Como obstáculo.

Quem o via,
desviava os olhos,
não por desprezo,
mas por não saber
se ainda era um dos seus.
A fala vinha medida,
o passo, correto,
a assinatura, firme,

e tudo isso acontecia sem corpo.

O crachá ainda acendia
a luz verde.
A porta ainda destravava.
O sistema ainda aceitava
sua senha,
mas a tela carregava menos campos.

Onde antes havia despacho,
agora havia ciência.
Onde antes havia encaminhamento,
agora havia cópia.
Onde antes havia chamada,
agora havia confirmação
de recebimento.

O telefone tocava
na mesa ao lado.
O dele permanecia limpo,
com aquela película lisa
que se forma sobre objetos ainda válidos,
mas já dispensados do uso.

Chamavam seu nome
para marcar presença,
não para pedir direção.

Entregavam-lhe pastas fechadas
e depois recolhiam as mesmas pastas
sem perguntar se lera.
Às vezes assinava no rodapé.
Às vezes apenas via a folha passar.

Uma manhã,
entrou numa sala
onde sempre sentara perto do centro.
Sua cadeira estava lá,
mas um pouco afastada,
não o bastante para ser recado,
o suficiente para que o corpo percebesse.

Sentou,
e a conversa já havia começado antes dele
e terminaria depois que ele saísse.
No meio,
ouviu seu nome uma vez,
não como chamado,
mas como item.

Alguém disse, sem levantar a voz.

— Está ciente.

E a reunião continuou.

Naquela semana,
recebeu um manual novo.
Não era novo,
era atualização.
A capa vinha lisa,
com o título impresso
em letra sem peso,
conduta em ambiente de desalinhamento.

Havia um campo para ciência.
Assinou.
Ninguém perguntou se leria,
porque ninguém precisava perguntar.
O texto era conhecido antes da leitura,
feito de resposta adequada,
postura compatível,
preservação do fluxo,
registro sem excesso,
silêncio proporcional.

As palavras estavam ali,
alinhadas,
limpas,
sem pulso,
como se não tivessem sido escritas
para orientar ninguém,

mas para provar que a orientação
já existia antes do leitor.

Ele abriu em uma página qualquer.
A frase dizia quase o mesmo
que tantas outras.
Fechou.

Deixou o manual sobre a mesa.
No primeiro dia,
ficou ao lado da pasta.
No segundo,
embaixo dela.
No terceiro,
serviu para nivelar
um conjunto de folhas
que tombava para a esquerda.

O manual sustentou
o que ninguém lia,
e isso talvez fosse sua função
mais verdadeira.

Ficou ali,
firme,
como se ainda ensinasse alguma coisa.

A roupa,
antes símbolo,
virou corda.
Não apertava,
mas suspendia.
O chão não faltava,
mas não respondia.
O nome estava em dia,
mas a alma estava fora do chamado.

E ali,
entre função e ausência de função,
ele descobriu o centro do rito.
Não era o gesto que o fazia cair.
Era o silêncio do entorno
que o mantinha suspenso.

Uma vez,
ao fim de uma manhã,
viu seu nome
numa relação de presentes.

Não lembrava de ter participado de nada.
Estivera ali.
Isso bastara.

Dobrou a folha.

Devolveu.

O gesto não lhe pareceu grave.

Ainda.

A roupa não caía
porque ainda havia tempo,
mas já não havia lugar.
Era mais leve do que nunca,
e por isso mais pesada que o mundo.

Capítulo XIII
A Adesão

Era uma reunião como as outras,
e por isso pesava mais.

A mesma sala,
a mesma mesa comprida,
as cadeiras afastadas
para que ninguém parecesse próximo.
Sobre a mesa,
havia uma pasta escura,
uma caneta azul,
uma lista de presença
e três folhas presas por grampo,
viradas para baixo.

Os nomes vinham na ordem de sempre,
não por hierarquia escrita,
por costume.
Cada um sabia onde sentar.

Ele entrou,
cumprimentou

e sentou-se no lugar previsto.

A porta foi fechada com cuidado,
e o cuidado, ali,
sempre pesava mais.

A fala veio,
não de muito alto.
A voz no lugar certo
não precisa crescer.
Chegou medida,
sem pressa,
com aquele tom que parece informar
quando já está conduzindo.

Havia uma operação,
uma localidade,
um grupo,
e uma necessidade de resposta.

Excesso virou amplitude.
Risco virou margem operacional.
Dano virou consequência provável.
Medo virou pacificação.

A pasta escura foi aberta.
A primeira folha tinha um mapa,

linhas finas,
setas,
dois pontos circulados.
A segunda tinha nomes
já tratados como códigos.
A terceira ficou virada para baixo.
No verso,
um relevo atravessava o papel,
como se a frase escondida
quisesse subir.

Não tentou ler.

A voz continuou.
Falava-se em eficiência,
em tempo útil,
em sinal claro.

Não fora pedido que falasse,
concordasse,
levantasse a mão
ou emitisse parecer.
Foi pedido apenas
que estivesse presente,
e ele estava.

A lista veio pelo lado direito

e passou de mão em mão.
Cada um assinava
sem levantar a folha da mesa.

Quando chegou a ele,
pegou a caneta.
O metal tocou sua unha.
Assinou.

Não a decisão,
a presença.

O nome coube na linha.

Depois vieram as três folhas.
A primeira passou aberta,
e um dedo pousou sobre um dos círculos.

A voz disse, baixa.

— Aqui.

Ele segurou o mapa
por menos tempo
do que seria necessário
para parecer leitura.
Viu uma rua estreita,

um ponto de entrada,
um ponto de espera,
e passou adiante.

A segunda folha veio
com códigos,
horários
e observações.
Leu apenas pedaços,
reincidente,
influência,
não cooperativo,
e a folha passou antes que ele terminasse.

A terceira chegou virada para baixo.
Ninguém a virou.
Ela passou assim,
de mão em mão,
como se todos soubessem
que certas coisas circulam melhor
quando não são vistas de frente.

Quando chegou a ele,
sentiu a textura do papel.
Era mais fino que os outros,
com um pequeno amassado
no canto superior.

Segurou por um instante
e passou.

Não viu o conteúdo,
mas passou.

Ao fim da mesa,
a folha foi recolhida
e encaixada de volta na pasta.

Então a caneta voltou,
agora solta.
Alguém rubricou uma margem.
Outro fez apenas um traço.
Um terceiro tocou a caneta,
não escreveu,
e passou.

Quando a caneta parou antes dele,
ninguém olhou diretamente.
Esse era o modo.
A sala inteira sabia
sem dirigir o rosto.

Ele olhou para a caneta,
azul,
com a tampa mordida

e a ponta ainda úmida.

O de ao lado empurrou
um pouco mais.
Ele não pegou.
Também não afastou.

A caneta permaneceu
entre sua mão
e a borda da folha,
e o mundo ficou naquele espaço.

Depois,
quem estava à sua direita
a recolheu sem perguntar,
rubricou
e passou.

O movimento continuou
sem ruptura,
porque a sala sabia absorver
o que quase acontecia.

O superior esperou
até a caneta chegar ao fim.
Recolheu a folha
e olhou o conjunto,

não cada nome,
não cada gesto,
mas o conjunto.

Disse, baixo.

— Registrado.

A palavra não foi dirigida
a ninguém.
Foi dirigida ao ar,
e o ar respondeu
com os corpos sentados.

Registrado
não fechava apenas o papel.
Fechava a sala,
os que falaram
e os que não falaram,
os que assinaram
e os que deixaram a caneta passar,
os que leram
e os que receberam a folha virada.

O neutro, ali,
também tinha forma.

Ele permaneceu sentado
um segundo além dos outros,
o bastante para perceber
que o corpo queria ficar
e sair ao mesmo tempo.

Levantou.

O corredor estava claro demais,
com o mesmo branco
que não acusa
porque registra.

Seguiu com tudo certo no gesto,
com o passo medido,
com o nome intacto
na lista de presença.

A palavra presença
veio depois,
não como acusação,
mas como objeto.
Ele não havia dado voz,
mas dera corpo.
Não havia dado ordem,
mas dera lugar.
Não havia dado assinatura

ao conteúdo,
mas dera assinatura ao estar.

E o estar, ali,
tinha uso.

Seu nome passara
por outras mesas.
Sua ausência de voz
já havia fechado outras atas.
O corpo sentado
já havia completado
outros números.

Não porque mandara,
não porque decidira,
não porque tivesse desejado
o que vinha depois,
mas porque estava,
porque seu nome constava,
porque seu corpo não se ergueu
e a sala pôde dizer,
sem dizer,
que todos estavam.

A palavra todos era falsa,
mas entrou na pasta.

Ficou ali,
junto do mapa,
junto da folha virada,
junto das rubricas,
e meu nome também ficou.

No fim do corredor,
alguém o cumprimentou.
Ele respondeu
com o tom certo.

Depois disso,
sentiu a fissura
de outras vezes,
mas agora mais funda,
não no som,
no estar.

Como se a própria permanência
tivesse se tornado uma fala
que ele pronunciava
sem abrir a boca.

Voltou ao posto.
Havia papéis sobre a mesa,
ciência,
encaminhamento,

visto.

Pegou o primeiro.
Leu.
Assinou.

Não sentiu nada no momento.
Só mais tarde,
diante do caderno,
a assinatura voltou
como peso.

Há gestos que só doem depois.

À noite,
abriu o caderno.
A página anterior tinha riscos,
palavras incompletas
e começos que não fechavam,
"senti que",
"vi",
"ouvi",
"parei",
todos incapazes
de sustentar frase.

A mão não procurou relatório.

Lembrou da lista,
da folha virada,
da caneta que não pegou,
da rubrica feita pelo outro,
da palavra registrada no ar
e do próprio nome,
limpo,
na linha de presença.

Escreveu "fiquei".

Olhou.

A palavra não explicou nada,
e por isso ficou.
Não a riscou.

Esperou que viesse
a segunda palavra,
e ela veio tarde.

Escreveu "presente".

Ficou olhando
para a frase curta,
quase pobre,

quase sem defesa.

Fiquei presente.

Não era relatório.
Não dizia que a medida fora adequada,
nem que o procedimento seguira parâmetros,
nem que a operação preservava
a ordem necessária.
Dizia apenas
o que havia acontecido,
e por isso pesava mais.

Não continuou.

Fechou o caderno aberto
e deixou a página marcada,
não na gaveta,
não debaixo do manual,
não escondida,
mas sobre a mesa,
à vista.

Naquela noite,
a reunião continuou dentro dele,
as cadeiras,
a pasta,

o mapa,
a folha virada,
a caneta
e a palavra baixa.

— Registrado.

Mas agora havia outra palavra
ao lado dela,
menor,
sem selo.

Fiquei.

Capítulo XIV
A Voz Interrompida

Veio o dia
com sua roupa exata,
seus gestos encaixados,
o tempo posto no mesmo lugar,
e com ele veio o papel.

Era fino,
sem margem,
com letras que não tremiam.
A linha do comando vinha reta,
mas sem alma.

Trazia um nome,
um destino,
um verbo,
e não trazia porquê.

Ele leu.

O gesto esperado era conhecido,
o caminho, habitual,

mas algo na ordem
não cabia no mundo.
Faltava a base,
faltava o motivo,
faltava o chão da coisa.

O papel não dizia,
mas o corpo que entregou sabia.
A pressa,
o desvio dos olhos,
a dobra antecipada da mão
diziam mais que a linha impressa.

Quem trouxe a ordem
não permaneceu na sala.
Pousou o papel,
tocou de leve a borda da mesa,
olhou para a porta
antes de olhar para ele
e saiu com a cautela
de quem deixa um objeto
que pode acender sozinho.

Ele ficou com o papel aberto.

Leu de novo,
não para entender,

mas para medir
o que faltava.

O nome ali escrito
não aparecia como pessoa.
Aparecia como entrave,
como peça fora do encaixe,
como ponto a ser corrigido
para que outra coisa
pudesse seguir sem ruído.

Não havia acusação.
Não havia registro suficiente.
Não havia fato que sustentasse
a linha que mandava agir.

Havia apenas
um verbo limpo
sobre um nome preparado.

Era um gesto limpo,
mas torcido por dentro,
como uma taça
com veneno na haste.

Ele não rompeu.
Não rasgou.

Não falou.

Apenas não saiu.

O papel permaneceu
em cima da mesa,
com a ordem inteira
e o gesto intacto.

Por fora,
tudo seguia.
Por dentro,
a ordem havia sido negada.

O telefone tocou uma vez.
Depois parou.

Alguém passou no corredor
e diminuiu o passo
diante da porta.
Não bateu.
Seguiu.

O relógio continuava
com sua regularidade inútil,
e cada minuto que passava
tornava a recusa mais visível

sem que ele tivesse dito
uma só palavra.

Horas depois,
chamaram seu nome.

Não como antes,
sem calor,
sem pressa,
sem erro.

Entrou.

Três cadeiras o aguardavam.
Três pares de olhos fixos
ficavam à sua frente
como janelas fechadas.

Não houve surpresa.
Já sabiam o que ele não fizera,
e o que ele não fizera
era o suficiente.

Não perguntaram
o que aconteceu.

Perguntaram.

— Por que não?

Ele respondeu
com sobriedade,
com firmeza,
com legalidade.
Disse que a ordem
não tinha base,
que a linha não bastava,
que o verbo exigia chão.

Enquanto falava,
via que sua resposta
não entrava na sala.
As palavras batiam
numa superfície lisa
e voltavam menores.

O que disseram em seguida
não era resposta.
Era ritual.

— Faltou espírito.
— Faltou adesão.
— Faltou a parte que não se escreve.

A sentença veio
por dentro do papel.
Já estava pronta
antes da explicação.

Era uma condenação
sem castigo escrito,
sem perda de nome,
mas com perda de lugar.

A casa seguiu igual.
Mas ele,
ao voltar,
não tinha mais cômodo.

As ordens vinham
como se não viessem.
As chamadas vinham
por outros nomes.
As conversas passavam ao lado.
As decisões não pediam
mais sua presença.

Era como se estivesse inteiro,
mas sem uso.

Dias depois,

ouviu o ruído que faltava.
Não veio por papel,
nem por voz oficial.
Veio por canto de boca,
por sombra de conversa,
por frase interrompida
quando ele entrava.

O gesto que ele negara
não era apenas gesto.
Era moeda.

O nome escrito no papel
era o nome de quem resistia,
de quem não pagava,
de quem faltava
nas dobras do acordo.

A ordem não era correção.
Era cobrança.

E o gesto esperado
era apenas o transporte do aviso,
a mão limpa que faria chegar
ao corpo errado
a vontade de uma sala
que nunca apareceria

na linha impressa.

Ao recusar,
impediu a engrenagem.
Travou o modo invisível
com um silêncio visível demais.

Não o acusaram disso.
Não seria útil.
A Cidadela não nomeia
o próprio desvio.
Apenas desloca
quem o torna perceptível.

Por isso,
não foi esquecido.
Foi observado
pelo sistema,
pelos colegas,
pelo vazio que se abriu
onde antes havia função.

A roupa ainda servia.
O selo não caiu.
A senha ainda abria
algumas portas.

Mas cada porta aberta
dava para um lugar menor,
e cada lugar menor
confirmava que a punição
não precisava dizer seu nome.

O silêncio que antes protegia
agora o marcava.

Não me retiraram.
Mas me separaram.

A voz que um dia falava com todos
passou a ecoar só para mim,
e o papel que eu não obedeci
ficou maior
do que todas as ordens cumpridas.

Fui julgado não por fazer,
mas por não fazer
o que não podia ser dito.

Capítulo XV
A Peça que Falta

Fiquei,
e por muito tempo escrevi "ele"
porque era mais fácil
manter distância do que dizer "eu",
mais fácil olhar o corpo de fora
do que admitir que ainda havia
um nome por dentro dele.

Agora escrevo eu.
Nem sempre,
nem sem resistência,
mas escrevo.

Não como permanência.
Como ausência adiada.

Depois do rito,
ninguém me tirou.
Também ninguém me devolveu
ao gesto.

A rotina não cessou,
mas já não me incluía.
Era como se o gesto ainda existisse
e a mão que o cumpria
não causasse mais impacto.

A estrutura não reagiu.
Apenas reorganizou o espaço ao meu redor
sem me consultar,
sem fechar portas,
sem levantar voz,
sem deixar marca que pudesse
ser chamada de punição.

Vieram ausências de convites,
de pautas,
de olhos.
Vieram chamadas genéricas,
retornos protocolados,
falas que terminavam
antes de tocar qualquer coisa.

Eu seguia os passos
pontualmente,
corretamente,
com a mesma roupa,
o mesmo ferro,

o mesmo nome impresso
nas folhas em que ainda cabia.

Mas o som dos meus passos
já não provocava resposta.

Havia uma janela
no fim do corredor.

No primeiro ano,
passei por ela sem parar.
O vidro devolvia
um homem ainda inteiro,
embora fora do centro.
Eu via a roupa,
o ombro,
o rosto com a forma antiga
ainda presa na pele.

No segundo ano,
o vidro começou a devolver
mais corredor do que rosto.
Atrás de mim,
passavam outros,
alguns conhecidos,
outros já prontos,
com o passo novo

e a boca certa.

No terceiro,
evitei olhar,
não por medo,
mas por cansaço.
O vidro chamava sem voz,
e eu sabia que a imagem viria
antes de mim.

No quarto,
numa manhã de chuva,
parei.
O pátio estava claro,
mas sem sol,
e no vidro apareceram primeiro
a roupa,
depois a parede,
depois quase nada
que respondesse pelo nome.

No quinto,
a janela já não filtrava o mundo.
Devolvia apenas a distância,
e eu passava por ela
como quem atravessa uma chamada
onde ninguém espera resposta.

O gesto,
que antes fazia parte da engrenagem,
agora circulava em falso.
Ainda era aceito,
porque o sistema aceita muitas coisas
que já não usa.
Ainda era registrado,
porque o registro muitas vezes
sobrevive à função.
Mas já não deslocava nada.

Houve um tempo em que esperei,
não por retomada,
mas por recuo.
Esperei que o silêncio se cansasse,
que o sistema me olhasse de novo,
que a trinca se fechasse
ou ao menos abrisse de uma vez.

Mas não se fechou.
Também não se abriu.
Apenas se tornou chão.

Foi nesse chão
que o mundo parou.

O ar rareou nas ruas,
as janelas se fecharam,
as vozes sumiram atrás das paredes,
e os dias começaram a repetir-se
com um vazio sem testemunha.

O gesto que eu fazia
sem ser notado
passou a ser feito
sem ninguém por perto.
O mundo inteiro parecia partilhar,
de fora,
a mesma mudez
que eu já carregava por dentro.

A mesa continuava no lugar.
A roupa continuava pendurada.
O ferro ainda tinha peso
quando tocava a pele.
Mas a presença de tudo isso
não chamava ninguém,
como se os objetos tivessem aprendido
a permanecer sem exigir corpo.

Desses cinco,
houve dois sem rosto,
sem toque,

sem olho que encontrasse o meu
com duração suficiente
para confirmar presença.

O peso da ausência
já não era resistência.
Era condição.

Nesse tempo suspenso,
os dias voltaram a correr,
mas sem me alcançar.
Eu estava,
mas não era convocado.
Meu nome seguia nos quadros,
mas já não cabia nas chamadas.
A função existia,
mas havia secado de dentro.

O tempo que antes era espera
virou contagem.
A tranca não existia mais,
mas também não havia direção.

E num desses dias
sem marca,
sem dobra,
sem diferença,

o número que se aguardava chegou.
A conta que me atava
foi cumprida.

Não fiz alarde.
Não escrevi mensagem.
Não pedi liberação.
Apenas não retornei.

A cadeira não rangeu.
A mesa não estranhou.
O selo no ferro não pesou.
A estrutura seguiu,
e minha ausência encaixou-se nela
como se sempre tivesse existido.

Não se tratava de corte,
nem de exclusão,
nem de fim.
Era a medida justa
de um corpo que aprendera
a não ser chamado
até tornar-se invisível
mesmo dentro da função.

Saí sem dizer,
mas não sem saber.

Fui a peça que não quebrou,
mas que já não completava
nenhuma engrenagem.

Capítulo XVI
Os Códigos Não Ditos

Saí,
mas o som da casa
ainda tocava as paredes do ouvido.

Não vinha como lembrança clara.
Vinha por frases desviadas,
por nomes que deixavam de ser ditos
sem aviso,
por pequenos vazios
que eu só comecei a reconhecer
quando já não precisava obedecer
ao movimento que os produzia.

Com o tempo,
o que era sombra ganhou contorno.
A ordem que eu não via
quando ainda estava dentro
começou a mostrar suas costuras,
não como norma escrita,
nem como juízo comum,
mas como um modo de respirar

entre os que permaneciam.

Fui reconhecendo
pelo que ficava fora da fala.
Aparecia no convite
que vinha sem horário completo,
na mensagem enviada a todos,
menos a um,
na porta que permanecia aberta
até certa pessoa entrar
e depois se fechava
sem ruído.

Aparecia também
no comentário interrompido
quando uma presença mudava a sala,
na pasta deixada sobre uma mesa
apenas o tempo bastante
para que alguém visse
sem poder perguntar
por que estava ali.

Havia uma frase comum,
quase leve,
dita nos corredores
com o cuidado das coisas
que não querem parecer ordem.

Depois conversamos.

E ninguém conversava.

Ninguém ensinava,
mas todos aprendiam.

Aprendi tarde.

Vi erro ser recebido
como detalhe.
Vi falha ser coberta
por um sorriso curto.
Vi excesso ser guardado
debaixo de uma palavra limpa.
Vi gesto torto passar inteiro
porque vinha no ritmo certo,
e vi uma frase justa pesar mais
do que tudo isso.

Também respirei nesse ar.
Também calei quando alguém
deixou de ser chamado.
Também vi uma porta fechar-se
atrás de outro
e continuei andando,

como se a porta apenas
tivesse cumprido sua função.

Eu não soube a hora do passo.
Ou soube,
mas não soube mentir
com o corpo.

As regras estavam nas pausas,
nos olhos que se evitavam,
nas palavras repetidas
com pouca alma
e muita prudência.
Havia pausas de acolhimento
e pausas de afastamento,
olhos que esperavam resposta
e olhos que encerravam assunto.

Havia palavras repetidas
para proteger
e palavras repetidas
para expulsar
sem expulsar.

Aos poucos,
entendi que a casa não precisava
de ordens completas.

Bastava uma inclinação,
uma demora,
um silêncio maior
depois de certo nome,
e o corredor inteiro
sabia que lado tomar.

Escrevo agora
que o gesto que neguei
não ficou parado naquele papel.
Ele tocou o fluxo,
interrompeu um circuito,
fez aparecer a mão
que devia permanecer escondida
por trás da ordem limpa.

Por isso fui deixado.

Não por erro visível.
Por corpo desalinhado.

Chamei de exceção
o que já corria
por baixo das mesas.
Chamei de falha
o que movia
as mãos corretas.

Chamei de injustiça
o que, para eles,
era apenas continuidade
sem registro.

O que me afastou
veio sem corte.
Veio pela falta
de acordo no gesto,
pela incapacidade de participar
do pacto sem nome
no exato instante
em que ele exigia presença.

Lembrei dos rostos que sumiram
sem aviso,
sem nota,
sem lamento.

Uma mulher que corrigia documentos
com precisão excessiva
foi transferida para uma sala
onde ninguém precisava
de precisão.
Um homem de voz baixa
começou a receber cópias
sem assunto,

até que sua mesa
deixou de pedir retorno.

Bastava isso.

Ninguém comentava,
porque ninguém podia nomear
o que não era permitido ver.

Era um idioma antigo,
feito de olhares,
ausências,
dobras no gesto
e pequenas concessões
que, somadas,
valiam mais do que qualquer regra.

Eu o havia falado
por anos,
com a boca fechada,
com a mão quieta,
com o corpo no lugar.

Depois errei o som.

Não fui deixado de lado
por justiça ou acaso.

Fui deslocado
porque não soube fingir
na hora certa.

A casa seguiu girando,
mais exata,
mais firme,
mais cúmplice.
Os convites continuaram,
as portas continuaram,
as pastas continuaram
a escolher onde pousar.

Mas dentro,
o que era parede
deixou de sustentar.

Não caiu diante de ninguém.
Não fez barulho.
Apenas perdeu resposta.

A torre,
em mim,
continuou de pé
por algum tempo,
mas já sem eixo,
sem chamada,

sem altura reconhecível.

Eu ainda sabia os códigos.
Só não conseguia mais
obedecer ao que eles
não diziam.

Capítulo XVII
A Comunhão dos Cúmplices

Voltei à rua
com os olhos soltos,
o nome gasto
e o corpo devolvido.

Esperava vento.
Encontrei espelhos.

As calçadas pareciam livres,
mas repetiam,
com outra matéria,
o mesmo desenho da casa.
Não havia corredores,
não havia portas com senha,
não havia papel circulando de mão em mão,
e ainda assim os corpos sabiam
quando calar,
quando sorrir,
quando aprovar sem aparecer.

No primeiro dia,

passei por um balcão
onde dois homens comentavam
um gesto que eu reconheci.

Não disseram ordem.
Disseram firmeza.

Não disseram excesso.
Disseram necessário.

Um deles moveu a mão no ar
com a precisão de quem nunca tocou o peso
daquilo que defendia.
O outro assentiu,
devagar,
e sorriu como se o mundo tivesse ficado
um pouco mais limpo
porque alguém, longe dali,
não hesitou.

Não era a casa.
Mas era a mão do povo
a embalar o ato.

Continuei andando,
e o som veio atrás de mim
sem me seguir.

Entrava pelas vitrines,
pelas filas,
pelos bancos de praça,
pelas bocas que falavam baixo
quando queriam parecer prudentes
e falavam alto
quando a prudência já não lhes custava nada.

Ouvi histórias,
nomes que voltavam a girar nos cantos,
feitos de suspeita,
de certeza emprestada,
de frases que dispensavam prova
porque já vinham aceitas antes de nascer.

Um gesto seco,
sem hesitação,
virava medalha
no fôlego das vozes.

Quem não esteve lá
falava como se tivesse visto.
Quem viu de longe
falava como se tivesse decidido.
Quem nada faria
pedia firmeza
com a boca cheia de ordem.

Ali entendi
que nem tudo que parecia muralha
estava contido em pedra.
Havia tranca também nos lábios,
havia selo também nos olhos,
havia formulário
na maneira como alguns rostos
encaixavam um homem
antes de ouvi-lo.

E o eco,
que julguei ter deixado,
voltava na fala alheia,
mas torto,
com sede.

A Cidadela não tinha muros suficientes
porque não precisava deles.
Tinha costumes,
tinha palmas,
tinha a concordância pequena
dos que preferem a forma pronta
ao peso de perguntar.

Eu,
que já não vestia o selo,

ainda o sentia
no modo como certos olhares
paravam sobre meu corpo
e procuravam nele
a peça que faltava.

Não perguntavam diretamente.
A rua raramente pergunta
quando sabe ferir por contorno.

Perguntavam com desvio de riso,
com silêncio depois do meu nome,
com frases deixadas pela metade,
com o cuidado estranho
de quem sabe que uma ausência
também pode denunciar.

O que carreguei por dentro
começou a voltar por fora,
não como retorno,
mas como revoada.
Os sons da casa
vinham agora por outros lábios,
com o mesmo vinco na borda,
o mesmo gosto de trinca
sob o verniz do rito.

A pedra que um dia pisei
reapareceu nos caminhos.
Não sob os pés,
mas nos olhos de quem esperava
que eu ainda fosse
o que fui treinado para ser.

Uma mulher me reconheceu
na porta de uma farmácia.
Olhou primeiro para o rosto,
depois para o peito,
depois para a mão.
Não encontrou o sinal
que esperava,
e por um instante
pareceu procurar em mim
uma explicação que eu não devia dar.

Disse apenas
que fazia tempo.

Respondi que fazia.

Nada mais foi necessário.
Entre uma frase e outra,
ficou o lugar da pergunta
que ela não disse.

O que aconteceu com você.
Por que saiu do gesto.
Por que não permaneceu igual.

O eco estava em tudo.
Não gritava,
mas se repetia.

E a ausência do selo
era notada
como erro de costura.
Ninguém me acusava,
mas ninguém me chamava
do mesmo modo.

A estrela que um dia brilhou
virou lacuna na roupa,
e todos os que viam
sabiam onde ela deveria estar.

Percebi então
que a comunhão era silenciosa,
mas total.
Não precisava de assembleia,
nem de documento,
nem de ordem.
Cada um guardava uma parte do rito

e a devolvia ao mundo
como opinião,
como prudência,
como comentário breve
antes de seguir para casa.

A Cidadela continuava fora da Cidadela
porque muitos a queriam
sem precisar servi-la.
Queriam seu gesto,
não seu peso.
Queriam sua decisão,
não sua noite.
Queriam o resultado limpo
sem a mão marcada
pelo que torna o resultado possível.

E eu,
que pensei ter saído,
ainda era visto
como o que não cumpriu
um papel que nunca escrevi,
mas que todos leram em mim.

Voltei para casa
com o barulho da rua
preso no corpo.

Não era mais comando.
Era comunhão.
E talvez por isso
pesasse mais.

Capítulo XVIII
O Nome sem Corpo

O registro chegou por falta.

Não foi aviso,
não foi nota,
não foi chamado.
Foi uma linha onde o nome
já não ocupava seu tamanho,
um espaço menor do que antes
dentro de uma folha que seguia
limpa,
correta,
sem declarar ausência.

Quando procurei,
percebi que já o havia perdido
antes de saber.

Primeiro numa cadeira,
depois numa folha,
depois numa referência lateral
onde antes havia nome inteiro.

Depois no manual fechado
antes do fim da leitura,
depois no vidro de uma janela
em que ele não olhou para fora.

O desaparecimento não começa
quando alguém some.
Começa antes,
na maneira como a sala se reorganiza
sem declarar mudança,
na pasta que passa por outra mão,
no cumprimento que perde duração,
na cadeira que continua ali,
mas já não espera.

Era um nome antigo,
de dentro,
do tempo da tranca.
Lembrei do rosto,
do andar,
da forma como tocava a pedra
sem tropeçar.
Lembrei da pasta junto ao corpo,
da roupa limpa,
do manual sob o braço,
da maneira como passava
sem pedir espaço.

Não era dos que brilhavam,
nem dos que caíam,
nem dos que faziam barulho suficiente
para virar assunto.
Era dos que permaneciam
com precisão,
e talvez por isso tenha começado
a sair devagar.

Não por corte,
por recuo.

Talvez tenha hesitado.
Talvez tenha silenciado demais.
Talvez tenha acertado
o gesto errado
na hora certa.

Ninguém soube,
ou ninguém quis saber
com forma suficiente
para que a pergunta ficasse em pé.

Um dia,
não veio.

No outro,
seu nome ainda aparecia
numa lista antiga.
Na semana seguinte,
vinha em cópia.
Depois,
em referência lateral.
Depois,
num campo que ninguém precisava preencher.

Então,
nada que pudesse ser apontado
sem parecer exagero.

Não houve explicação.
Não houve sala.
Não houve frase
com sujeito e verbo.

A mesa dele também não mudou
de uma só vez.
Primeiro retiraram uma pasta.
Depois, uma caneta.
Depois, o copo que ficava
no canto esquerdo.
Por fim,
sobrou apenas a superfície limpa,

e a limpeza parecia mais acusadora
do que qualquer aviso.

Disseram,
quando disseram,
que fora remanejado.
Depois disseram que estava
em adaptação.
Depois,
que não constava naquela pauta.
Depois,
ninguém disse.

A casa não nega.
Retira o lugar
onde a pergunta poderia pousar.

Voltei ao corredor
em que costumava vê-lo.
A janela estava limpa,
e o vidro devolvia apenas clarão.
No parapeito,
havia uma marca mais clara
onde algum objeto ficara
por muito tempo
e depois fora retirado.

Não sabia se era dele,
mas olhei.

A marca era quase nada,
mais clara que o resto,
mais vazia.

Na sala ao lado,
um manual antigo mantinha aberta
uma porta leve.
A capa dizia
"procedimentos de permanência",
e a porta batia nele
sem conseguir fechar.

Pensei que, mesmo fechado,
o manual ainda servia,
e que, mesmo sem leitura,
a palavra oficial ainda segurava
alguma coisa.

Perguntei por ele
sem perguntar.

Usei uma frase lateral,
disse o nome
como quem lembra

um item de agenda.

Um respondeu
sem olhar para mim:

— Esse assunto já foi tratado.

Outro disse:

— Seguiu para o fluxo próprio.

Um terceiro não ouviu,
ou ouviu com perfeição.

Foi o suficiente.

Entendi que havia nomes
que perdiam o corpo
antes de perder a grafia.
Continuavam em papéis antigos,
em arquivos,
em bocas que evitavam
pronunciar inteiro,
mas já não tinham cadeira,
não tinham turno,
não tinham janela,
não tinham o peso

de alguém esperado
em algum lugar.

O nome sem corpo não grita,
não chama,
não volta.
Fica espalhado
em restos de procedimento,
sem centro,
sem presença,
sem alguém que diga que está ali.

E eu reconheci esse destino,
não como futuro,
mas como aviso
já escrito em minha própria margem.

Se meu nome deixasse de responder,
quem saberia?
Se minha cadeira fosse movida
um palmo,
quem perguntaria?
Se meu caderno ficasse fechado,
quem abriria?

A casa não precisa apagar.
Basta deixar que o nome

perca onde encostar.

E o povo,
que um dia aplaudiu,
passa sem acenar
quando a forma já não traz brilho.

Voltei com a sensação
não de perda,
mas de desalojamento.

Havia alguém que ainda existia
em algum ponto do sistema,
mas já sem corpo
na minha memória,
e isso era pior
que ausência simples.
Era uma presença
sem lugar para acontecer.

O nome sem corpo
é só espaço pedindo contorno.

E ninguém ali
queria desenhar.

Capítulo XIX
O Nome Substituído

Veio como sopro
no meio do dia.

Um novo rosto apareceu
na altura de onde eu havia sido,
não no mesmo corpo,
não com a mesma história,
mas no mesmo lugar
que um dia me pareceu meu.

A forma era conhecida,
o passo treinado,
o ombro carregado por reflexo.
Onde antes meu trabalho ecoava
com resistência,
agora tudo fluía limpo
na mão de outro.

O assento era o mesmo.
O vão da parede, também.
A fala vinha medida,

a moldura refeita
sem trinca visível.

Nada foi dito sobre o que houve antes,
nem como falta,
nem como falha.
O compasso apenas seguiu,
e a continuidade parecia tão perfeita
que quase fazia do passado
um erro de percepção.

Vi primeiro de longe.

Havia um pequeno grupo
em torno dele.
Não era celebração,
não exatamente.
Era aquele modo discreto
com que a Cidadela reconhece
quando a peça encaixa
sem produzir pergunta.

Um dizia pouco.
Outro sorria.
Um terceiro apontava
para alguma folha
que ele recebia sem hesitar.

Ele ouvia,
assinava,
entregava,
e cada gesto chegava ao lugar
como se tivesse nascido ali.

Não havia esforço.
Ou o esforço
já estava escondido
dentro da forma.

O novo agia
com firmeza,
com prontidão,
com a exatidão
que se espera
dos que ainda não duvidam.

E talvez duvidasse.
Talvez, por dentro,
também guardasse uma trinca.
Mas nada nele deixava ver,
e para a casa isso bastava.

A Cidadela não pede alma limpa.
Pede superfície útil.

Na mesa ao lado,
alguém deixou uma pasta
exatamente onde eu antes
costumava receber as minhas.
Ele a tomou sem surpresa,
como se aquela entrega
já tivesse pertencido ao seu corpo
antes mesmo de chegar.

Foi pequeno,
quase sem importância,
mas ali entendi
que a substituição não começa
quando alguém ocupa o lugar.
Começa quando os objetos
passam a obedecer
ao novo dono sem estranhamento.

Ouvi o murmúrio público,
não em jornais,
mas no tom da conversa breve,
no gesto de aprovação
que se espalha
quando alguém ocupa bem
o lugar de uma ausência.

Diziam que agora andava melhor.
Diziam que o fluxo voltara.
Diziam que a função
recuperara o ritmo.

Ninguém dizia meu nome.

Não invejei.
Mas soube.

Soube, com o corpo parado,
que o que um dia chamei meu
não era posse,
era trânsito.

O brilho que pensei
ter me escolhido
escolhia ombros.
O peso que imaginei singular
era apenas uma forma
à procura de sustentação.

E ali estava ele,
alto,
visível,
limpo,
no ponto onde antes

eu tremia.

O gesto se cumpria
com a exatidão
de quem não traz
a história do gesto
presa na mão.

Eu trazia.

Por isso já não servia.

Não houve lembrança.
Não houve dobra.
O nome que fui
não era mais sequer
ausência pronunciada.

O dia se fixou sobre ele.
O desempenho foi reconhecido.
A fala foi recebida,
o papel correu,
a cadeira respondeu
ao novo peso
sem rangido.

Foi isso que mais feriu:

a facilidade.

Eu havia imaginado,
em algum fundo sem forma,
que a minha saída deixaria
um desajuste mínimo,
um atraso,
um ruído,
uma hesitação no mecanismo.

Mas a máquina
não hesitou.

Apenas deslocou o encaixe,
recolheu o vazio,
pousou outro corpo
sobre o intervalo
e seguiu.

O lugar que eu ocupara
não tinha memória própria.
A cadeira não guardava
a temperatura de ninguém.
A mesa não reconhecia mãos.
O papel não distinguia assinatura
de substituição.

Tudo aceitava.

E essa aceitação
era mais dura
do que qualquer sentença.

Compreendi,
fora da roda,
que não era eu
que dava peso ao nome.
Era o nome
que fingia ser meu
enquanto convinha.

Quando deixou de convir,
continuou existindo
em outro corpo,
com outra boca,
com outra prontidão.

O nome permaneceu.
Eu saí dele.

A rua,
que antes cobrava firmeza,
também aceitou a troca
sem dificuldade.

Os mesmos que pediam resposta
agora elogiavam o novo gesto.
A mesma boca que um dia
procurou em mim uma arma
procurava nele
a mesma forma.

Nada se perdeu para eles.

Perdeu-se apenas
o intervalo onde eu acreditava
ter sido necessário.

E talvez essa seja
a última lição da roda:
os que se vão
não são levados,
são substituídos
por alguém capaz
de fazer a forma continuar
sem mencionar
quem a sustentou antes.

Voltei sem pressa.

O sol não aquecia.

Revelava.

Revelava o assento,
a parede,
o ombro novo,
a fala limpa,
o compasso recomposto.

E eu,
fora do lugar,
vi que a ausência
também podia ser ocupada.

Não por memória.
Por uso.

Capítulo XX
O Palco em Branco

O nome já não era chamado,
nem ao longe,
nem por engano.

A fala não tropeçava nele.
O papel não o pedia.
O movimento não o incluía,
e mesmo o silêncio,
que por tanto tempo o cercou,
parecia agora dirigido a outro.

Passei diante de um vidro
sem a roupa antiga,
sem moldura,
sem clarão.

A imagem que voltou
não era sombra.
Era espaço.

Não havia no reflexo

glória,
falha,
acusação,
nem a espécie de falta
que ainda conserva
a forma do que saiu.

Havia apenas um corpo
sem função reconhecível,
um rosto devolvido
sem legenda,
uma presença que não sustentava
nenhuma expectativa.

Busquei o selo com os olhos.
Nada.
Nem marca,
nem ardência,
nem aquela memória pequena
que às vezes fica na pele
quando o rito já se retirou.

Toquei o peito.
Só pele.
Nenhum chamado.

A voz dentro,

que um dia rugiu,
depois corrigiu,
depois calou,
agora apenas respirava.
Não procurava ordem.
Não procurava defesa.
Não procurava sequer
a palavra justa
para dizer a própria retirada.

Não havia eco.
Não havia espera.
Havia a repetição do passo
sobre uma terra
que não respondia,
e essa falta de resposta
não era castigo,
era condição.

O palco estava inteiro.
Luzes acesas,
cortina leve,
plateia desperta,
as tábuas limpas
como se tivessem sido varridas
antes que qualquer cena começasse.

Mas não havia personagem.
Não havia entrada.
Não havia ato.

Sentei num banco de pedra,
sem inscrição,
e fiquei olhando
o movimento que passava
sem pedir que eu tomasse parte.

O mundo girava como sempre.
A casa recebia os novos.
A rua louvava as respostas certas.
Os rostos continuavam
a encontrar no gesto firme
a paz breve
de não precisarem pensar.

Um ônibus parou perto da praça.
As portas se abriram,
pessoas desceram,
outras subiram,
e por um instante
o mundo inteiro pareceu caber
naquela troca sem solenidade.
Ninguém olhava para o banco.
Ninguém precisava saber

que havia ali um homem
tentando entender
como se fica fora
até mesmo da própria ausência.

E eu,
de onde estava,
não me via mais
nem como falta
nem como resto.

Antes,
a ausência ainda me dava forma.
Eu era o que não fora chamado,
o que não fora mantido,
o que não se encaixava
no lugar onde um dia coubera.

Agora nem isso permanecia.

O lugar havia sido ocupado.
O nome funcional seguia em outro corpo.
O gesto que me expulsara
já não precisava lembrar
que me havia expulsado.

Compreendi que não era ausência.

Era ausência da ausência.

O palco seguiu.
Não porque me esquecesse,
mas porque nunca dependeu
de alguém específico
para conservar a cena.

A luz caía sobre o espaço vazio
sem denunciar vazio algum.
O lugar em que antes estivera
foi redesenhado
sem deixar sombra,
e a sombra,
que eu ainda esperava encontrar
como prova de passagem,
também fora recolhida.

Nada dizia que ali
faltava alguma coisa.

Nem trinca,
nem cicatriz,
nem o atraso mínimo
de uma engrenagem
que tivesse perdido uma peça.

A máquina não guardava buracos.
O mundo também não.

Fiquei no banco
até a tarde mudar de peso.
Vi pessoas atravessarem a praça,
uma criança puxada pela mão,
um homem carregando sacolas,
duas mulheres conversando baixo
diante de uma vitrine fechada.

Nenhuma delas sabia
que eu havia saído de algum lugar.
Nenhuma precisava saber.

Essa ignorância
não era ofensa.
Era liberdade alheia.

E talvez fosse isso
o que mais custasse aceitar,
que o meu desaparecimento
não produzisse obrigação
em ninguém,
que o mundo tivesse o direito
de continuar inteiro
sem me reconhecer

como perda.

Voltei pelo mesmo caminho.
O vidro ainda estava lá.
Desta vez,
não parei.

Passei por ele
como quem atravessa uma porta
que já não separa nada.

Em casa,
o caderno estava sobre a mesa.
Abri,
não para registrar ocorrência,
não para guardar prova,
mas para ver
se ainda havia frase
onde já não havia função.

Escrevi devagar:

não há lugar vazio
quando ninguém espera.

A frase ficou.
Não era bela.

Não era suficiente.
Mas não obedecia.

Fechei o caderno
sem esconder.

Naquela noite,
entendi que o silêncio
não era mais o mesmo.
Antes,
ele me cercava.
Depois,
me protegia.
Agora,
me deixava sozinho
diante de uma cena
que continuava acesa
sem precisar de mim.

E talvez fosse ali,
no palco em branco,
que começasse outra forma
de ouvir.

Capítulo XXI
Azede!

O dia se erguia
sem ângulo.

Nada nele pedia atenção,
mas algo no ar
tinha compasso,
como se a rua já soubesse
o lugar onde os corpos
deveriam parar.

Parei,
não por ordem,
mas por reconhecimento.

Havia vulto.
Havia espera.
Havia alguém onde antes
estivera eu.

Não era apenas outro corpo.
Era o substituto.

A forma era limpa,
o ombro, firme,
a voz, sem atraso.
O lugar aceitara nele
o que recusara em mim.

À frente,
havia um bandido.

Não como nome.
Como categoria.

O rosto dele
já chegava traduzido
pela boca dos outros.

Bandido.

Era assim que a rua
o entregava.
Era assim que a Cidadela
o recebia.
Era assim que o gesto
podia vir
sem tremer.

O homem estava ali,
mas antes dele
vinha a palavra.
Antes do rosto,
vinha o rótulo.
Antes da escuta,
vinha a conclusão
que todos pareciam carregar
como se fosse evidência.

O substituto escutou
menos do que bastava.

Não porque não pudesse ouvir,
mas porque já havia recebido
da rua e da forma
a permissão de não ouvir.

Olhou para o lado,
não para pedir conselho,
mas para confirmar
que havia mundo suficiente
assistindo.

Os rostos ao redor
não avançaram
nem recuaram.

Esperaram.

E a espera,
ali,
era autorização.

Ninguém disse sim.
Ninguém precisou.

A rua tinha esse modo
de entregar a mão de outro
sem tocar no gesto.
Ficava parada,
mas empurrava.
Ficava limpa,
mas queria o resultado.
Ficava longe,
mas entrava na ordem
com o peso de muitas bocas
fechadas na mesma direção.

Então ele mandou matar.

Não com a palavra matar.
Com a palavra permitida,
com a palavra limpa,
com a palavra que tira da morte

o peso do nome.

Disse:

— Azede.

Não soou como grito,
nem como comando alto.
Foi um som baixo,
ajustado,
quase administrativo,
um som que encontrou lugar
como se o vento
o esperasse
para se organizar.

O gesto veio.

Não o meu.

O que eu recusara,
o que eu segurara
com o corpo inteiro,
o que me separou da casa,
agora vinha pela voz de outro,
com a firmeza que esperavam
de mim.

O que aconteceu depois
não quis narração.

A morte estava ali,
curta, aceita, funcional,
e por isso mais funda.

Não houve espanto.

Os rostos ao redor
se ajeitaram,
não em aplauso,
mas em consentimento.

Um homem olhou para o chão.
Outro olhou para a janela.
Uma mulher apertou
a alça da bolsa
e continuou parada.

Ninguém perguntou
se era necessário.
A necessidade
já tinha sido entregue
antes da palavra.

Naquele instante,
soube que a roda girava
sem mim.

Não comigo.
Não apesar de mim.
Sem mim.

O nome que um dia
me pediram
não foi lembrado,
nem como falta,
nem como memória.

A dobra se recompôs.
O ar seguiu.
O substituto baixou a mão.

Por um momento,
pareceu que alguma coisa
deveria permanecer suspensa,
um intervalo,
uma falha,
um peso visível.
Mas nada ficou parado.
A cena tinha aprendido
a fechar-se depressa,

como fazem os atos
que dependem da rapidez
para não receber nome.

Alguém recolheu
o que precisava ser recolhido.
Outro abriu passagem.
A rua voltou
ao seu ruído menor,
como se o som anterior
tivesse sido apenas
uma alteração breve
na ordem da manhã.

E o gesto que recusei
passou a existir
como parte de um rito
que nunca precisou
do meu nome.

A palavra ficou.

Não no ar,
porque o ar já seguia.
Ficou em mim,
presa no lugar
onde antes ficava

a frase que eu não disse.

Azede.

Não era só comando.
Era tradução.
Era licença.
Era o ponto em que a morte
deixava de parecer morte
e entrava na língua
como procedimento.

Ali compreendi
que a recusa não interrompe
o sistema inteiro.
Interrompe apenas
a mão que recusa.

Outra vem.
Outro nome.
Outro ombro.
Outra voz sem atraso.

A forma sabe esperar
menos do que parece.
Quando um corpo falha,
ela não cai.

Troca de corpo.

Fiquei olhando
o lugar onde o gesto
já havia passado.

Nada naquele espaço
pedia luto.
Era isso que feria.

O rito não precisava
de dor para continuar.
Precisava apenas
de uma palavra bastante limpa
para que todos pudessem
seguir sem carregar
o nome do que viram.

E mais nada.

Mas o que ela tocou
não será mais inteiro.

Nem o gesto.
Nem o rito.
Nem eu.

Capítulo XXII
Silêncio Alto

Já não me chamam,
nem em sonho,
nem por erro.

O selo,
que um dia queimou,
não pulsa mais,
nem mesmo como memória.

Os rostos que marcaram
não voltam com a força antiga.
As frases não ecoam como antes.
O compasso não pede meu passo,
e tudo permanece,
mas sem mim.

Por algum tempo,
pensei que isso fosse saída.

O mundo continuava
com seus brilhos,

seus selos,
seus ciclos.
O substituto continuava.
A rua continuava.
A palavra continuava circulando
com a mesma limpeza
que a tornava possível.

Eu apenas já não era chamado.

Mas o que se repete
não deixa de tocar
só porque a mão se retirou.
Toca de outro modo,
menos por fora,
mais por dentro,
como uma pressão sem rosto
que encontra, no próprio corpo,
o lugar onde antes havia ordem.

Lembrei da pedra,
não como peso,
mas como chão que um dia sustentou
a travessia.

Ela ficou para trás,
não quebrada,

mas vencida pelo passo.
O laço que me fez
se desfez,
não cortado,
mas gasto pela distância
entre aquilo que me pediam
e aquilo que eu já não podia devolver.

Olhei uma última vez
para o lugar onde fui chamado.

Não havia tranca.
Não havia voz.
Não havia vão.

Só o espaço exato
de onde o gesto não voltaria.

Deixei ali
o nome,
o tempo,
o eco,
o rito,
não por desprezo,
mas por não mais servir ao gesto.

Depois escrevi devagar,

à noite,
como havia prometido.

Escrevi o que pude,
o que vi,
o que fiz,
o que calei,
o que a minha mão conseguiu carregar
sem transformar de novo
em relatório.

Este caderno
não me sucede.
Não é sobra de um homem
que desapareceu,
nem prova deixada
para que alguém me reconstrua
a partir das minhas frases.

É meu corpo possível
quando a voz já não aceita
ser apenas função.

Por isso,
durante algum tempo,
achei que escrever bastava.

A página recebia
o que a boca não entregava.
A caneta abria
onde a ordem fechava.
As palavras vinham feridas,
incompletas,
às vezes tomadas pela língua antiga,
mas vinham.

E isso parecia resistência.

Mas há um ponto
em que continuar
também obedece.

A frase aprende a se alinhar.
A confissão aprende a se defender.
O testemunho aprende
a parecer forma,
e até a recusa,
quando se repete demais,
começa a procurar
um modo correto de permanecer.

Foi então que reconheci
que a Cidadela não estava apenas
atrás de mim,

no lugar que deixei,
nas salas,
nos papéis,
na palavra que mandou
e na palavra que matou.

Estava inscrita
no modo como eu media a frase,
no modo como aparava o excesso,
no modo como escolhia não dizer tudo,
no cuidado com que eu tentava
me retirar dela
sem deixar que a retirada
perdesse forma.

Estava na mão.
No fôlego.
Na pausa.
No intervalo entre uma palavra
e outra.

Mesmo este caderno,
que nasceu contra o manual,
trazia ainda o peso daquilo
que me ensinou
a escrever sem origem.

Por isso,
parei.

Não porque nada houvesse.

Porque havia demais.

Havia ainda nomes
que eu poderia chamar.
Havia gestos
que eu poderia reabrir.
Havia salas, corredores, janelas, papéis, rostos,
e a palavra curta
que não deixava de circular.

Mas prosseguir
seria deixar a Cidadela
falar outra vez
pela minha demora.

Seria transformar
o que resta de mim
em mais um procedimento
de permanência.

Então escolhi o silêncio.

Não o silêncio imposto,
que dobra a boca
antes da pergunta.

Não o silêncio treinado,
que aprende a parecer prudência.

Não o silêncio que assina
sem dizer,
nem o silêncio que se esconde
para continuar servindo.

Outro.

Um silêncio que não devolve
a voz ao sistema,
que não completa a ata,
que não oferece
mais uma forma
para ser usada.

Não explica
para ser aceito.
Não pede absolvição.
Não procura lugar
na linguagem que o feriu.

Fechei o caderno.

A Cidadela ainda estava
na mão,
no fôlego,
na pausa,
no intervalo entre uma palavra
e outra.

Por isso parei.

O que restava de mim
não precisava caber
em mais uma frase.

Pela primeira vez,
o silêncio não servia a ninguém.
Não protegia o gesto.
Não completava a forma.

Era silêncio,
mas não era falta.
Era escolha.
Silêncio escolhido.

Silêncio alto.

MEMORANDO INTERNO Nº 1571/SA-CID/CDD-I

Origem: Seção de Doutrina e Registro de Permanência
Destino: Selados em consulta funcional
Referência: Instrução Geral 44-B; Norma de Registro Funcional 11-A; Diretriz de Contenção de Ruído 7-F; Regulamento de Permanência 3-C
Assunto: Encaminhamento de caderno recolhido sob reserva de procedência

— Registro atribuído a corpo selado em ciclo posterior de registro. Marcas de formação, emissão funcional, correção, retorno, deslocamento, ocorrência externa, substituição e encerramento.

— Manter sequência. Preservar variação de pessoa. Vedar recomposição de identidade, cópia paralela, circulação civil e comentário marginal.

— Origem não confirmada. Circulação restrita mantida.

INDEXAÇÃO: caderno recolhido; origem não confirmada; função selada; corpo selado; formação; emissão funcional; correção; retorno; deslocamento; substituição; ocorrência externa; variação de pessoa; sequência preservada; acesso restrito.

9 786501 555133
ISBN 978-65-01-55513-3